

P	C	T
151	42	

905

Umberto Eco e Thomas A. Sebeok (orgs.)

O SIGNO DE TRÊS
Dupin, Holmes, Peirce



EDITORA PERSPECTIVA

4. Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes¹

CARLO GINZBURG

Deus se esconde nos detalhes.
(G. Flaubert e A. Warburg)

Nas páginas que se seguem, tentarei mostrar como, no final do século dezenove, um modelo epistemológico (ou, se preferirem, um paradigma²) surge discretamente na esfera das ciências sociais. O exame desse paradigma – que ainda não mereceu a devida atenção e que tem sido utilizado sem nunca ter sido proclamado como uma teoria – talvez possa nos ajudar a ir além do estéril contraste entre “racionalismo” e “irracionalismo”.

I

1. Entre 1874 e 1876, a revista de história da arte alemã *Zeitschrift für bildende Kunst* publicou uma série de artigos sobre pintura italiana. Levavam a assinatura de um desconhecido estudioso russo, Ivan Lermol-

1. O texto original italiano deste ensaio apareceu em *Crisi della ragione*, de A. Gargani (ed.), (Torino: Einaudi, 1979) pp. 59-106. O autor espera publicar, próximamente, uma nova versão revisada e aumentada da obra.

2. Para o significado de “paradigma” ver Kuhn 1962. As especificações e distinções sugeridas posteriormente pelo mesmo autor (*Postscript* 1969 in Kuhn 1974:174ss.) não se incluem em seu parecer.

lieff, e tinham sido traduzidos por um alemão também desconhecido, um certo Johannes Schwarze. Os artigos propunham um novo método para uma atribuição correta das obras dos velhos mestres, o que provocou muitas discussões e controvérsias entre os arte-historiadores. Anos mais tarde, o autor revelou-se como sendo Giovanni Morelli, um italiano (ambos os pseudônimos haviam sido adaptados de seu próprio nome). O “método Morelli” é ainda hoje uma referência para os arte-historiadores³.

Vamos estudar esse método. Diz Morelli que os museus estão repleto de pinturas erroneamente atribuídas – mesmo considerando que é muito difícil designar-lhes a autoria correta uma vez que muitas não apresentam quaisquer assinaturas, ou estas foram recobertas por tinta ou, ainda, precariamente restauradas. Portanto, distinguir as cópias das originais (embora imprescindível) é tarefa árdua. Para que isso possa ser feito, continua Morelli, não deveríamos concentrar a atenção nas características mais óbvias da pintura, pois estas poderiam ser facilmente imitadas – por exemplo, tomar-se as figuras centrais de Perugino, com os olhos caracteristicamente voltados para os céus, ou, então, os sorrisos das mulheres de Leonardo. Ao invés disso, deveríamos nos concentrar nos detalhes menores, em especial aqueles que apresentam menos significância no estilo típico da própria escola do pintor: lóbulos de orelha, unhas dos dedos, formato das mãos e dos pés. Desse modo, Morelli identificou a orelha (ou outro detalhe qualquer) peculiar a mestres como Botticelli e Cosmé Tura tal como seria encontrada nos originais, mas não nas cópias. Então, usando esse método, ele corrigiu cerca de uma dezena de autorias em algumas das principais galerias da Europa. Determinados casos foram espetaculares: o museu de Dresden possuía uma pintura de

3. Sobre Morelli ver primeiramente Wind 1963:32-31, e as fontes que ele menciona. Sobre a vida de Morelli ver Ginouliac 1940; para uma reavaliação de seu método ver Wolheim 1973; Zerner 1978, Previtali 1978. Infelizmente, não existe nenhum estudo geral sobre Morelli. Seria interessante analisar, além de seus escritos sobre história da arte, sua educação científica anterior, seu relacionamento com o meio intelectual alemão, sua amizade com o grande crítico literário italiano Francesco de Sanctis, e seu envolvimento com a política. (Morelli propôs De Sanctis para a cadeira de Literatura Italiana em Zurique; ver De Sanctis 1938). Sobre o envolvimento político de Morelli ver menções em Spini 1956. Acerca da ressonância européia de seu trabalho ver correspondência com Marco Minghetti, escrita em Basileia, a 22 de junho de 1882: “O velho Jacob Burckhardt, a quem visitei ontem à noite, foi extremamente simpático e insistiu em ficar me fazendo companhia durante todo o tempo em que ali permaneci. É um homem bastante original, tanto em seu comportamento quanto por suas idéias: você, e em especial dona Laura, gostariam muito dele. Ele falou-me acerca do livro de Lermolieff como se o conhecesse de cor e colocou-me uma série de perguntas – o que me deixou bastante lisonjeado. Irei encontrá-lo logo mais, esta manhã...” (Biblioteca Comunale di Bologna, Archiginnasio, Carteggio Minghetti, XXIII, (54).

uma Vênus reclinada, classificada como sendo uma cópia feita por Sassoferrato de um trabalho perdido de Ticiano; Morelli identificou-a como um dos raros trabalhos definitivamente atribuído a Giorgione.

Apesar desses resultados – e talvez devido à segurança arrogante com que os apresentou – o método de Morelli foi muito criticado. Denominaram-no de mecânico, ou cruamente positivista, e caiu em desgraça⁴. (Embora é quase provável que muitos dos que o rejeitaram injuriosamente o tenham empregado de modo discreto em suas próprias atribuições). Devemos a recente renovação do interesse por seu trabalho ao arte-historiador Edgar Wind, que reconsiderou o método como exemplo de uma abordagem bastante moderna da obra de arte, tendendo para a apreciação do detalhe mais do que para o todo. Wind (1963:42-44) relaciona essa atitude ao culto da espontaneidade do gênio, tão corrente nos círculos românticos⁵. Isso, porém, por si só não é convincente. Morelli não estava manejando problemas ao nível da estética (o que, aliás, foi usado contra ele), mas ao um nível mais básico, próximo da filologia⁶. As implicações de seu método incidem em outro âmbito, e são muito mais ricas, embora, como vimos, Wind tenha estado perto de alcançá-las.

2. Os livros de Morelli parecem diferentes daqueles de qualquer outro escritor sobre arte. Estão recheados de ilustrações de dedos e orelhas, de cuidadosos registros de detalhes característicos, através dos quais um artista se revela, do mesmo modo que um criminoso pode ser denunciado por uma impressão digital... qualquer galeria de arte estudada por Morelli começa a se assemelhar a um arquivo policial... (Wind 1963:40-41)

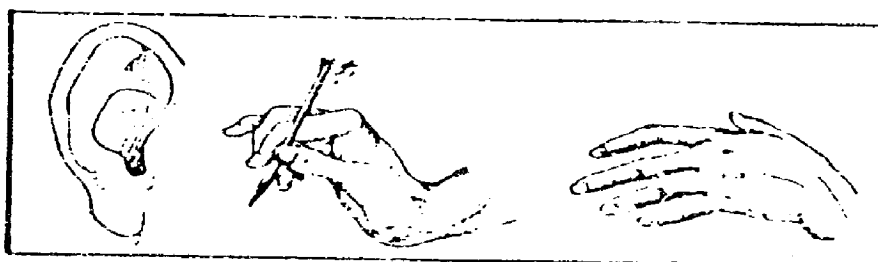
Esta comparação foi brilhantemente desenvolvida por um arte-historiador italiano, Enrico Castelnovo (1968:782), que estabeleceu um paralelo entre os métodos de classificação de Morelli e os atribuídos por Arthur Conan Doyle, poucos anos mais tarde, à sua criação ficcional,

4. De acordo com Longhi 1967:234, Morelli foi “menos grandioso” que Cavalcaselle, “ainda que importante”, sugerindo de algum modo que suas “indicações materialistas” tornaram “seu método obscuro e inútil do ponto de vista estético”. (Quanto a implicações das críticas como esta ver Contini 1972:117). Comparações desfavoráveis com Cavalcaselle foram sugeridas, por exemplo, por M. Fagiolo in Argan & Fagiolo 1974:97,101.

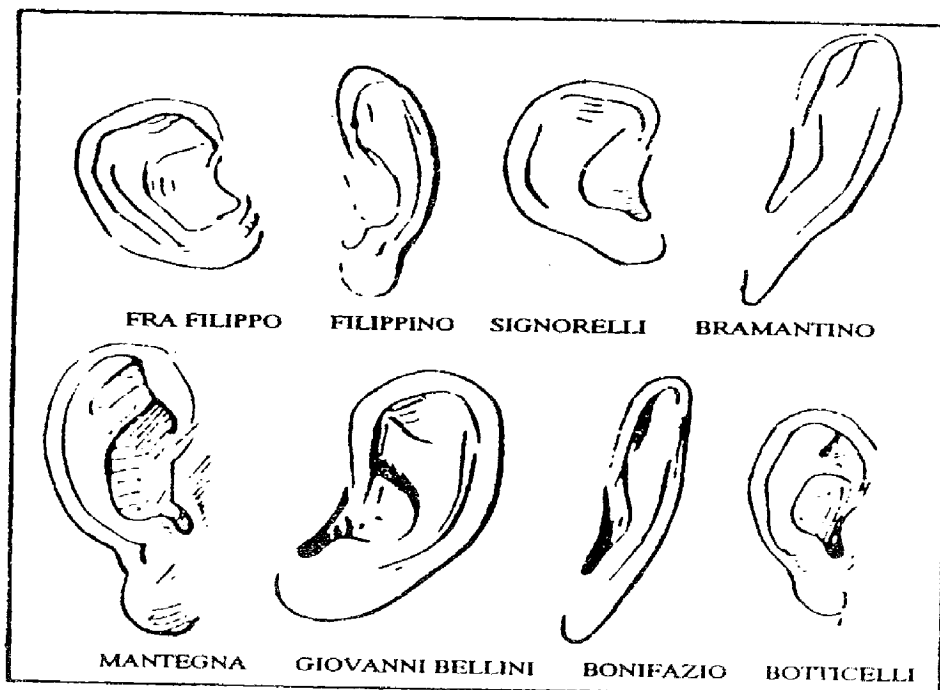
5. Croce (1946:15) criticou em Morelli “a apreciação sensualista dos detalhes fora de seus contextos”.

6. Ver Longhi 1967:321: “Morelli ou carece enormemente de senso de qualidade ou, então, perverteu-o sob o impulso de seu conhecimento especializado...”. Considera-o até mesmo “inferior e deplorável”.

Sherlock Holmes⁷. O especialista em arte e o detetive podem muito bem merecer uma comparação, cada qual fazendo descobertas a partir de pistas, despercebidas por outros: o autor, casos relacionados a crime; o outro, pinturas. Os exemplos da habilidade de Sherlock Holmes de interpretar pegadas, cinzas de cigarros e outros por menores são incontáveis e muito bem conhecidos. Vamos, porém, nos deter em “A Caixa de Papelão” (1892) para uma ilustração do achado de Castelnuovo: aqui, Sherlock atua como se estivesse “morellizando”.



Orelhas e mãos por Botticelli, reproduzido de *Pintores Italianos*, de Morelli, 1892.



Orelhas típicas, reproduzido de *Pintores Italianos*.

7. Arnold Hauser (1959) estabelece uma comparação mais geral entre os métodos “detetivesco” de Freud e os de Morelli.

O caso se inicia com o envio de um pacote contendo duas diferentes orelhas a uma inocente senhora. É um bom exemplo do especialista em serviço:

(Sherlock) olhava com singular interesse o perfil da dama. Por um instante, foi possível ler na expressão astuta do detetive, tanto surpresa quanto contentamento, embora quando a senhora se voltou para averiguar a causa de seu silêncio, ele já havia recuperado a impassibilidade habitual. Eu (Watson) pus-me a estudar, por minha vez, aqueles cabelos lisos e grisalhos, a touca graciosa, os pequenos brincos dourados e as feições serenas da mulher, sem, contudo, encontrar algo que justificasse a evidente excitação de meu amigo. (CARD).

Mais adiante, Sherlock explica a Watson (e ao leitor) o fluxo iluminado de seus pensamentos:

Como médico que é, Watson, deve saber que não existe parte do corpo humano que varie tanto quanto uma orelha. Cada uma tem suas próprias características e difere de todas as outras. Na *Revista Antropológica* do ano passado, você encontrará duas pequenas monografias que escrevi a esse respeito. Assim, examinei com um olhar de especialista as orelhas contidas na caixa e observei detalhadamente suas peculiaridades anatômicas. Imagine, pois, minha surpresa quando, ao olhar para a Srta. Cushing, constatei que sua orelha correspondia com exatidão àquela orelha feminina que eu acabara de inspecionar. Tratava-se de algo mais que uma simples coincidência. Ali estava o mesmo encurtamento da aurícula, a mesma ampla curvatura do lóbulo superior, a mesma circunvolução da cartilagem interna. No que era essencial, tratava-se da mesma orelha.

Naturalmente, percebi, de imediato, a enorme importância dessa observação. Era evidente que a vítima tinha com ela uma relação de parentesco, e provavelmente muito próxima... (CARD)⁸.

3. Veremos em breve as implicações desse paralelismo⁹. Entrementes, vamos desfrutar de outra das proveitosas observações de Wind.

8. CARD apareceu primeiramente em *The Strand Magazine* V (jan./jun. 1893). Baring-Gould (1967:208) nos informa que *The Strand* publicou alguns meses mais tarde um artigo anônimo sobre as variedades de orelha humana ("*Ears: a chapter on*", *Strand Magazine* VI, jul./dez. 1893). Para Baring-Gould, é provável que o autor tenha sido Conan Doyle, publicando o tratado antropológico de Sherlock sobre orelhas. Mas, ao artigo sobre "orelhas" seguiu-se outro sobre "mãos", assinado desta feita por Beckles Wilson (*The Strand Magazine* V, jan./jul. 1893) e, aparentemente, se tratava do mesmo autor. No entanto, as páginas ilustrando os possíveis formatos de orelha lembram irresistivelmente as ilustrações do trabalho de Morelli, o que confirma, pelo menos, o fato de essa idéia estar em circulação por aquela época.

9. É bastante possível que o paralelo seja mais do que uma coincidência. Um tio de Conan Doyle, Henry Doyle, pintor e crítico de arte, foi empossado Diretor da Galeria de Arte de Dublin em 1869. Em 1887, Morelli encontrou-se com Henry Doyle e escreveu sobre

Para alguns dos críticos de Morelli, parece estranho “que a personalidade se desvende onde justamente haja menor empenho pessoal”. Quanto a isso, porém, a moderna psicologia certamente daria suporte a Morelli: nossos gestos mais simples e espontâneos revelam nosso caráter de modo muito mais autêntico do que qualquer postura formal que componhamos cuidadosamente. (1963:40)

“Nossos gestos mais simples e espontâneos” – podemos aqui, sem qualquer hesitação, substituir o termo geral “moderna psicologia” pelo nome de Sigmund Freud. Os comentários de Wind sobre Morelli atraíram até a atenção de estudiosos (Hauser, 1959; ver também Spector 1969, Damish 1970 e 1977, e Wolheim 1973) para uma negligenciada passagem de um famoso ensaio de Freud “O Moisés de Michelangelo” (1914). No início da segunda seção, Freud escreve:

Muito antes de eu ter a oportunidade de ouvir acerca da psicanálise, soube que um crítico de arte russo, Ivan Lermolieff, havia provocado uma revolução nas galerias de arte da Europa ao questionar a autoria de várias pinturas, ensinando a distinguir com segurança as cópias dos originais e atribuindo a outros artistas as obras cuja autoria anterior havia sido desacreditada. Chegou a esses resultados insistindo no fato de que a atenção deveria ser desviada da impressão geral e dos principais traços da pintura para repousar na significância dos detalhes secundários, em coisas como o desenho das unhas dos dedos, do lóbulo de uma orelha, das auréolas e outros elementos que um copista deixa de lado ao imitar, mas que todo artista executa de forma bem característica. Fiquei, então, bastante interessado ao saber que o pseudônimo russo ocultava a identidade de um médico italiano de nome Morelli, falecido em 1891. A meu ver, esse seu método de averiguação encontra-se estreitamente relacionado à técnica da psicanálise. Também esta está acostumada a conjecturar coisas secretas ou encobertas a partir de traços menosprezados ou inadvertidos, do refugo, por assim dizer, de nossas observações (“*auch diese ist gewöhnt, aus gering geschätzten oder nicht beachteten Zügen, aus dem Abhubdem ‘refuse’ – der Beobachtung, Geheimes und Verborgenes zu erraten*”). (n.d.: 222).

ele a Sir Henry Layard: “O que você diz a respeito da Galeria de Dublin interessa-me particularmente, ainda mais que em Londres eu tive a grata oportunidade de encontrar-me com o extraordinário Sr. Doyle, que causou-me a melhor impressão possível... Céus! melhor que Doyle, que outras pessoas você encontraria normalmente como encarregadas das galerias na Europa?” (British Museum, Add. Ms. 38965, Layard Papers, vol. XXXV c. 120v). É comprovado o conhecimento de Doyle acerca do método Morelli (embora este possa ter sido tomado por um historiador da arte) através da edição de 1890 do Catálogo de Obras de Arte da National Gallery da Irlanda, editada por ele e que utiliza o manual de Kugler, o que foi cuidadosamente reelaborado por Layard em 1887 sob a orientação de Morelli. A primeira edição traduzida para o inglês da obra de Morelli apareceu em 1883 (ver bibliografia, Richter 1960). A primeira história de Sherlock (STUD) foi publicada em 1887. Isso permite a possibilidade de que, através de seu tio, Conan Doyle estivesse familiarizado com o método

“O Moisés de Michelangelo” foi publicado primeiro anonimamente: Freud assumiu sua autoria apenas quando o incluiu em suas obras completas. Muitos supuseram que o gosto de Morelli por esconder-se atrás de pseudônimos teria afetado Freud de algum modo e houve mesmo algumas tentativas plausíveis de justificar essa coincidência (ver Kofman, 1975: 19, 27; Damish 1917: 70ss.; Wolheim 1973: 210). De qualquer modo, não há dúvidas de que, sob a cobertura do anonimato, Freud declarou explicitamente, ainda que também de uma maneira velada, a considerável influência que Morelli exerceu sobre ele muito antes da descoberta da psicanálise (“*lange bevor ich etwas von der Psychoanalyse hören konnte...*”). Confinar essa influência apenas ao ensaio “O Moisés de Michelangelo”, ou mesmo aos estudos vinculados à história da arte¹⁰, como o fizeram alguns, é reduzir de modo impróprio a importância do próprio comentário de Freud: “A meu ver, esse método de averiguação encontra-se estreitamente relacionado à técnica da psicanálise”. De fato, essa passagem acima mencionada assegura a Giovanni Morelli um lugar especial na história da psicanálise. Estamos lidando aqui com um vínculo documentado e não apenas com uma conjectura como as muitas que se proclamam “antecedentes” ou “precursoras” de Freud. Além do mais, como já dissemos, Freud tomou contato com os escritos de Morelli antes mesmo de se dedicar à psicanálise. Temos aqui um elemento que contribuiu diretamente para a cristalização da psicanálise e não apenas uma coincidência advertida posteriormente, após suas descobertas (como se deu com a passagem do sonho de J. Popper “Lynkeus”, inserida nas edições posteriores de *A Interpretação dos Sonhos* (Freud))¹¹.

4. Antes de tentarmos entender o que Freud apreendeu de suas leituras de Morelli, devemos esclarecer as circunstâncias precisas desse encontro – ou melhor, segundo o próprio relato de Freud, de dois momentos distintos desse encontro: “Muito antes de ter a oportunidade de ouvir acerca da psicanálise, soube que um crítico de arte russo, Ivan Lermolieff...”; “Fiquei, então, bastante interessado ao saber que o pseudônimo russo ocultava a identidade de um médico italiano de nome Morelli...”.

A data da primeira notícia pode ser estabelecida apenas vagamente. Deve ter sido anterior a 1895 (quando Freud e Breuer publicaram seus *Estudos sobre a Histeria*) ou em 1896 (quando Freud utilizou pela pri-

de Morelli. Mas, seja como for, tal suposição não é de todo relevante uma vez que os escritos de Morelli não eram com certeza o único veículo para essas idéias.

10. A única exceção é propiciada pelo requintado ensaio de Spector, o qual, no entanto, exclui a existência de qualquer relacionamento real entre os métodos de Freud e de Morelli (1969:82-83).

11. Dois ensaios posteriores de Freud acerca de suas relações com “Lynkeus” encontram-se mencionados em *A Interpretação dos Sonhos*.

meira vez o termo psicanálise; ver Robert 1966)), ou, então, após 1883, quando, em dezembro, Freud escreveu a sua noiva uma longa carta sobre sua “descoberta da arte” durante visita ao Museu de Dresden. Antes disso, ele não havia demonstrado qualquer interesse em pintura. Escreveu, na ocasião: “Abandonei meu filisteísmo e passei a admirá-la”¹². É difícil imaginar que antes disso Freud pudesse se ver atraído pelos escritos de um historiador de arte; desconhecido é perfeitamente plausível, no entanto, que, após essa carta, ele tenha começado a lê-los – em especial porque a primeira edição da coletânea de ensaios de Morelli (Lermolieff 1880) continha aqueles estudos acerca dos velhos mestres italianos dos museus de Munique, Dresden e Berlim.

O segundo encontro de Freud com os escritos de Morelli pode ser datado com maior segurança, embora ainda assim de modo presumido. O nome real de Ivan Lermolieff tornou-se público, pela primeira vez, no cabeçalho da tradução inglesa da coleção, que saiu em 1883. As edições e traduções posteriores, a partir de 1891, quando faleceu Morelli, ostentavam tanto o nome quanto o pseudônimo (Morelli 1883). É possível que, cedo ou tarde, Freud tenha visto um dos exemplares de qualquer dessas edições; porém, é mais provável que ele tenha tomado conhecimento da real identidade de Lermolieff em setembro de 1898, folheando um volume em uma livraria de Milão. Na biblioteca de Freud, que se encontra preservada em Londres, há uma cópia do livro de Giovanni Morelli (Ivan Lermolieff) *Della pittura italiana. Studii storico critici – Le gallerie Borghese e Doria Pamphili in Roma*, publicado em Milão em 1897. Uma nota na página de rosto indica sua aquisição: Milão 14 de setembro (Trosman e Simmons 1973). A única visita de Freud a Milão se deu no outono de 1898 (Jones 1953). Além do mais, por essa época, o livro de Morelli deve ter tido uma grande importância para Freud. Ele havia estado trabalhando há meses sobre os lapsos de memória – pouco antes, na Dalmácia, ele havia tido a experiência (posteriormente analisada em *A Psicopatologia do Cotidiano*) de não conseguir se lembrar do nome do pintor dos afrescos de Orvieto. Juntamente com aquele pintor, Signorelli, Botticelli e Boltraffio, cujos nomes continuou trocando, encontram-se mencionados no livro de Morelli (Robert 1966; Morelli 1897: 88-89, 159).

Mas que significado podem ter tido os livros de Morelli para Freud, ainda jovem, ainda distante da psicanálise? O próprio Freud nos responde: a proposição de um método interpretativo, baseado na apreensão de detalhes marginais e irrelevantes enquanto chaves reveladoras. Segundo

12. Ver Gombrich 1966. É curioso que aqui Gombrich não faça nenhuma menção do trecho de Freud sobre Morelli.

esse método, minúcias em geral consideradas triviais e sem importância, “aquém da atenção”, fornecem a chave para as maiores conquistas do gênio humano. A ironia desta passagem retirada do livro de Morelli deve ter deliciado Freud:

Meus adversários se comprazem em classificar-me como alguém que não compreende o conteúdo espiritual de uma obra de arte, e que, conseqüentemente, atribui particular importância a minúcias externas tais como a forma das mãos, da orelha, e até mesmo, *horribile dictu* (que espanto!), coisas tão toscas quanto as unhas do dedo. (Morelli 1897: 4).

Morelli teria feito bom uso do dito virgiliano tão caro a Freud, que o escolheu como epígrafe para *A Interpretação dos Sonhos: Flectere si nequeo Superos, Acheronta movebo* (Se não posso submeter as forças dos Céus, então, desencadearei as do Inferno)¹³. Do ponto de vista de Morelli, esses detalhes são reveladores porque, neles, a submissão do artista às tradições culturais cede passo a um traço puramente individual, os detalhes sendo reproduzidos de certo modo “pela força do hábito, quase inconscientemente” (Morelli, 1897:71). Mais do que pela referência ao inconsciente – nada excepcional nessa época¹⁴ – o que surpreende aqui é o modo como a essência mais íntima da individualidade do artista é vinculada a elementos que extrapolam o controle consciente.

5. Esboçamos aqui uma analogia entre os métodos de Morelli, de Sherlock e de Freud. Mencionamos a conexão entre Morelli e Sherlock, e entre Morelli e Freud. As semelhanças específicas entre as atividades de Sherlock e Freud foram apresentadas por Steven Marcus (1976:x-xi)¹⁵. O próprio Freud, por sinal, disse a um paciente (o “Homem-Lobo”) de seu interesse pelas estórias de Sherlock Holmes. Quando, no entanto, na primavera de 1913, um seu colega (T. Reig) sugeriu-lhe um paralelo entre o método psicanalítico e método sherlockiano, Freud replicou ex-

13. A escolha, por Freud, do verso de Virgílio como mote foi interpretada de várias maneiras: ver Schoenau 1968:61-73. A interpretação mais convincente foi sugerida por E. Simon: o significado do mote é que o oculto, a parte invisível da realidade não é menos significativa que aquela visível. Sobre as possíveis implicações políticas do verso de Virgílio, já utilizado por Lassale, ver o excelente ensaio de Schorske (1980:181-207, em particular 200-03).

14. Ver o obituário de Morelli escrito por Richter (Morelli 1897:xviii): “aquelas pistas específicas (descobertas por Morelli)... as quais o mestre deixa escapar através do hábito e quase inconscientemente...”

15. Ver também o apêndice bibliográfico em *The Seven Percent Solution*, de N. Meyer, uma novela injustamente bem sucedida na qual Sherlock e Freud aparecem juntos como personagens.

pressando sua admiração pela técnica de Morelli com ares de especialista. Em qualquer dos três casos, minúsculos detalhes proporcionam a chave para uma realidade mais profunda, inacessível por outros métodos. Esses detalhes podem ser sintomas para Freud, ou chaves de mistérios para Sherlock, ou caracteres distintivos de pintura para Morelli (Gardner 1971:146; Reik 1949:24)¹⁶.

Como explicaríamos essa tríplice analogia? Há uma resposta óbvia. Freud era médico, Morelli possuía graduação em medicina e Conan Doyle havia exercido a profissão médica antes de se estabelecer como escritor. Em todos os três casos, podemos invocar o modelo de semiótica médica, ou sintomatologia – a disciplina que permite o diagnóstico, mesmo quando a doença não pode ser diretamente observada, a partir de sintomas ou signos superficiais, quase sempre irrelevantes aos olhos do leigo... até mesmo do Dr. Watson. (Casualmente, o par Sherlock-Watson, o detetive olho-de-lince e o obtuso doutor, representa a cisão de uma única personalidade, a de um professor do jovem Conan Doyle, famoso aquele por sua habilidade em matéria de diagnóstico)¹⁷. Mas não se trata apenas de coincidências biográficas. No final do século XIX (mais precisamente na década 1870-1880), essa abordagem “semiótica”, paradigma ou modelo baseado na interpretação de pistas, conquistou crescente influência no campo das ciências humanas. Suas raízes, no entanto, eram muito mais antigas.

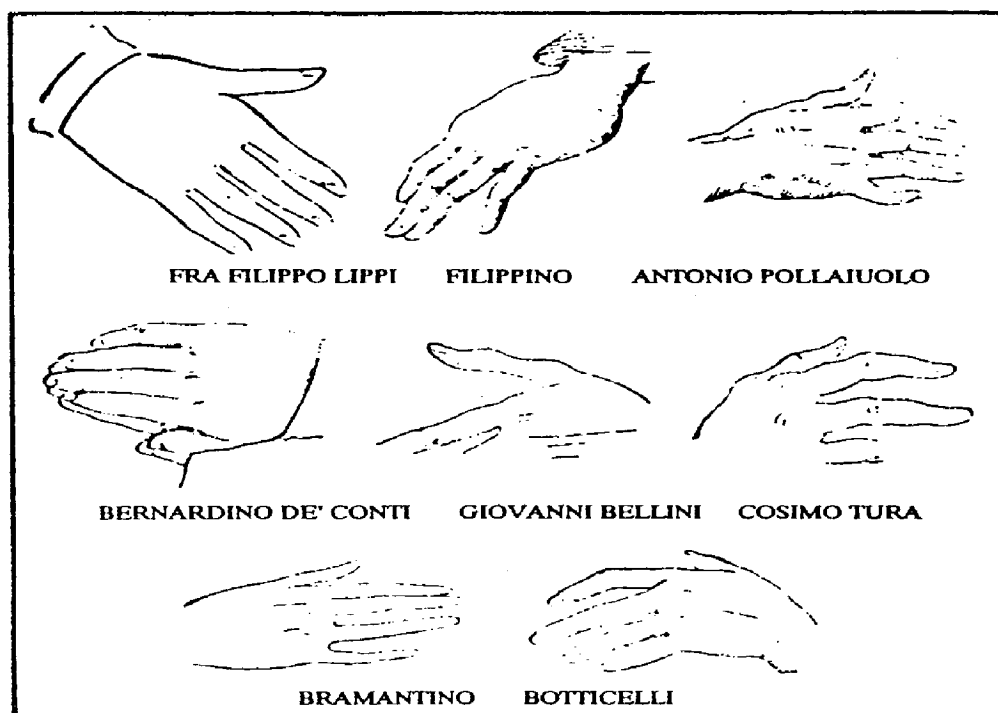
II

1. Por milhares de anos, a humanidade viveu de caça. No curso de infindáveis perseguições, os caçadores aprenderam a reconstituir a aparência e os movimentos de seus alvos esquivos a partir de seus rastros – pegadas na terra úmida, estalidos de galhos, esterco, penas e tufo de pêlos, odores, marcas na lama, filetes de saliva. Aprenderam a cheirar, a observar, a dar sentido e contexto ao traço mais sutil. Aprenderam a realizar maquinações complexas em átimos de segundo, em florestas cerradas ou perigosas clareiras.

Sucessivas gerações de caçadores ampliaram e passaram adiante essa herança de conhecimentos. Não temos dela nenhuma evidência verbal

16. Para uma distinção entre sintomas e signos e pistas ver Segre 1975:33. Sebeok 1976.

17. Ver Barig-Gould 1967:7 (“Two doctors and a detective: Sir Arthur Conan Doyle, John A. Watson MD, and Mr. Sherlock Holmes of Baker Street”), e, depois, as referências a John Bell, o médico que inspirou a personagem de Sherlock. Ver também Doyle 1924:25-26, 74-75.



Mãos típicas, reproduzido de *Pintores Italianos*.

que possa ser acrescida aos artefatos e pinturas encontradas nas cavernas, mas podemos talvez nos apoiar nas lendas populares que, de certo modo, repercutem o eco – fantasiado ou distorcido – daquilo que aqueles remotos caçadores já sabiam. Três irmãos (protagonizando uma história difundida no Oriente Médio entre os quirguizes, tártaros, judeus, turcos e outros povos; Vesselofsky 1886:308-309) encontraram um homem que havia perdido seu camelo (às vezes aparece como sendo um cavalo). Imediatamente, eles o descrevem para o homem: o animal é branco, cego de um olho, e carrega junto à sela duas bolsas: uma cheia de óleo e a outra de vinho. Teriam eles o visto? Não, eles não haviam encontrado o animal pela frente. De imediato, são acusados de roubo e levados a julgamento. É o momento de glória para os irmãos: eles prontamente demonstram como haviam sido capazes de reconstituir a aparência do animal que nunca haviam visto a partir de traços aparentemente insignificantes.

Os três irmãos, ainda que não sejam descritos como caçadores, são claramente depositários do tipo de conhecimento ostentado por caçadores. Seu traço característico é o de permitir saltar de fatos aparentemente insignificantes, que podem ser observados, para uma realidade complexa, a qual, pelo menos diretamente, não é dada à observação. E esses fatos podem ser ordenados pelo observador de modo a proporcionar uma seqüência narrativa – em sua versão mais simples: “alguém passou por

aqui". Talvez a própria idéia de narrativa, em oposição a encantamento, ou exorcismo ou invocação (Seppilli 1962), teve origem na comunidade de caçadores, da experiência adquirida em interpretar rastros. Obviamente, isto é especulação, mas pode ser reforçado pelo modo com que, até hoje, a linguagem de deciframento de rastros encontra-se baseada em figuras de linguagem – a parte pelo todo, a causa pelo efeito – relacionando-se com o pólo narrativo da metonímia (como definida em um conhecido ensaio de Jakobson, em Jakobson e Halle 1956:55-87) e excluindo, de modo estrito, o pólo alternativo da metáfora. O caçador pode ter sido o primeiro a “contar uma história” porque apenas caçadores sabiam como interpretar uma seqüência coerente de eventos a partir de obscuros (e quase imperceptíveis) sinais deixados pela presa.

Essa “decifração” e “leitura” dos traços animais é metafórica. Vale a pena, porém, tentar entendê-las literariamente, como a destilação verbal de um processo histórico que conduz, embora através de um longo lapso de tempo, à invenção da escrita. O mesmo vínculo aparece sugerido na tradição chinesa que explica as origens da escritura, e que teria sido inventada por um alto oficial que observara as pegadas de um pássaro nas margens arenosas de um rio (Cazade e Thomas 1977)¹⁸. Mesmo abandonando o campo do mito e da hipótese pelo da história documentada, há, sem sombra de dúvidas, surpreendentes analogias entre o modelo dos caçadores que viemos explorando e o modelo implícito nos textos divinatórios mesopotâmicos, que datam, pelo menos, do ano 3000 A.C. (Bottéro, 1974). Ambos requerem minucioso exame do real, ainda que corriqueiro, para desvendar os traços dos eventos os quais o observador não pode experienciar diretamente. De um lado, esterco, pegadas, pêlos, penas; de outro, vísceras de animais, manchas de óleo na água, estrelas, movimentos involuntários. É fato que o segundo grupo, ao contrário do primeiro, poderia ser ampliado indefinidamente, uma vez que os adivinhos da Mesopotâmia liam signos do futuro em mais ou menos qualquer coisa. A nossos olhos, porém, há uma outra diferença que nos interessa mais: o fato de que a adivinhação aponta para o futuro, enquanto que a decifração dos caçadores aponta para o passado, ainda que recente. No mais, em termos de entendimento, a abordagem em cada caso é bastante similar, e quanto aos estádios intelectuais – análise, comparação, classificação – são idênticos, pelo menos teoricamente. De fato, idênticos apenas na teoria: os contextos sociais são basicamente diferentes. Foi no-

18. Ver também Étiemble (1973), onde ele argumenta, de modo convincente ainda que paradoxalmente, que os seres humanos aprendem primeiro a ler e depois a escrever. Sobre esse assunto, para uma visão mais abrangente, ver Benjamim 1955, em especial o capítulo sobre faculdade mimética.

tado, em especial, que a invenção da escrita deve ter exercido um grande impacto na tradição adivinatória da Mesopotâmia (Bottéro 1974:154ss.). Os deuses mesopotâmicos, à parte outras prerrogativas divinas, tinham o poder de se comunicar com seus adoradores através de mensagens escritas – nas estrelas, nos corpos humanos, em qualquer lugar – e cuja decifração era tarefa dos adivinhos. (Era essa a idéia que, ao longo de milhares de anos, configurou a imagem de “o livro da natureza”). A identificação e a adivinhação pelo ato de decifrar caracteres escritos por meios divinos foram reforçadas na vida real com o caráter pictográfico, “cuneiforme”, da escrita primitiva; também esta, como a adivinhação, expressa uma coisa através de outra (Bottéro 1974:157)¹⁹.

Assim também as pegadas representam um animal real que acabou de passar. Comparando com a realidade da pegada, o pictograma já representa um enorme avanço em direção à abstração intelectual. No entanto, a capacidade de pensamento abstrato implicada na introdução do pictograma é, por sua vez, ainda pequena, se considerarmos a capacidade que seria necessária para realizar a transição para a escrita fonética. De fato, elementos pictográficos e fonéticos sobreviveram conjuntamente na escrita cuneiforme na mesma medida em que, na literatura dos adivinhos mesopotâmicos, a gradual intensificação da tendência à generalização, a partir de seus fatos básicos, não anula a tendência de inferir a causa do efeito²⁰. Isso explica também por quê a linguagem adivinatória mesopotâmica encontrava-se infiltrada de termos técnicos retirados dos códigos das leis, bem como a presença, em seus textos, de fragmentos relacionados com o estudo da fisiognomonia e da semiótica médica (Bottéro 1974:191-92).

Eis que após uma longa volta retornamos à semiótica médica. Nós a encontramos em uma complexa constelação de disciplinas (e, naturalmente, termos anacrônicos) com um caráter comum. É tentador distinguir entre “pseudociências”, como adivinhação e fisiognomonia, e “ciências”, como legislação e medicina, e explicar essa bizarra contigüidade

19. Sobre as relações entre escrita e adivinhação na China, ver Grenet 1963, em especial 33-38.

20. Refere-se ao tipo de inferência que Pierce definiu como presuntiva ou “abdução”, distinguindo-a da simples indução. Bottéro, por outro lado, dá destaque aos elementos dedutivos na adivinhação mesopotâmica (1974:89). Essa definição simplifica em demasia (no limite da distorção) a complicada trajetória que o próprio Bottéro tão bem reconstituiu. A simplificação parece resultar de uma definição estreita e sectária de “ciência”, de certo modo desmentida por sua significativa analogia entre adivinhação e medicina, uma disciplina com um caráter quase nada dedutivo. O paralelo aqui sugerido entre as duas tendências da adivinhação mesopotâmica e o caráter misto da escrita cuneiforme emerge de algumas das observações de Bottéro.

pela grande distância, em termos de tempo e espaço, que nos separam da sociedade que viemos analisando. Essa, porém, seria uma explanação superficial. Havia um campo real comum entre essas forma de conhecimento da Mesopotâmia (se excluirmos a adivinhação através da inspiração, a qual ocorria por meio de possessão extática) (Bottéro 1974:890): uma abordagem envolvendo análise de casos particulares, construída apenas através de traços, sintomas, alusões. Assim, os textos legais mesopotâmicos não apenas arrolavam leis e obrigações, mas incluíam um conjunto de casos reais (Bottéro 1974:172). Em resumo, podemos falar em um paradigma sintomático ou adivinhatório que poderia ser orientado em direção ao passado, ao presente ou ao futuro, dependendo da forma de conhecimento invocada. Em direção ao futuro: trata-se de adivinhação propriamente dita; em direção ao passado, presente e futuro: trata-se da ciência médica dos sintomas, com seu caráter duplo – o diagnóstico explicando passado e presente, e o prognóstico sugerindo o possível futuro –; e em direção ao passado: trata-se de jurisprudência ou conhecimento legal. Mas, à espreita por detrás desse modelo sintomático ou adivinhatório podemos perceber uma atitude, talvez a mais antiga da história intelectual da raça humana: o caçador rastejando no lodo, examinando o rastro de sua presa.

2. O que dissemos até aqui seria suficiente para explicar porque um texto adivinhatório mesopotâmico poderia incluir como diagnosticar de um antigo ferimento na cabeça a partir de um estrabismo bilateral (Bottéro 1974:192); ou, mais generalizadamente, como lá teria emergido historicamente um conjunto de disciplinas, todas elas dependentes da decifração de variados tipos de signos, de sintomas à escrita. Passando para as civilizações da Grécia Antiga, vamos descobrir que esse grupo de disciplinas sofre uma mudança considerável, com o incremento de novas linhas de estudo, como a história e a filologia e, com a independência novamente adquirida (tanto em termos de contexto social quanto de abordagem teórica), de velhas disciplinas, como a medicina. O corpo, a fala e a história encontram-se, pela primeira vez, como objetos de uma investigação desapaixonada, que, por princípio, exclui a possibilidade de intervenção divina. Este câmbio decisivo caracteriza a cultura das metrópoles gregas, da qual somos naturalmente os herdeiros. Não é tão óbvio, no entanto, que uma importante parte dessa mudança tenha sido protagonizada por um modelo que pode ser considerado como tendo por base sintomas ou chaves²¹. Este é claramente o caso da medicina de Hipócrata-

21. Ver Diller 1932:14-42, em especial 20ss. Sua oposição entre as abordagens analógica e semiótica deve ser corrigida, interpretando a última como um "uso empírico" da analogia; ver Melandri 1968:25ss. De acordo com Vernant 1974:19, "o progresso político, histó-

tes, a qual desvendava seus métodos pela análise do conceito central do sintoma (*semēion*). Os discípulos de Hipócrates argumentavam que somente pela observação e registro cuidadosos de cada sintoma seria possível estabelecer as “histórias” precisas de cada doença, mesmo quando a doença, enquanto uma entidade, permanecesse inatingível. Essa insistência na natureza circunstancial da medicina quase certamente proviria da distinção (exposta pelo médico pitagórico Alcmêon) entre a imediatez e a infalibilidade do conhecimento divino, de um lado, e a natureza provisória e conjectural do conhecimento humano, de outro. Se a realidade não era diretamente cognoscível, então, implicitamente, o paradigma conjectural que estivemos descrevendo era legítimo. De fato, de acordo com os gregos, diversas esferas de atividade estavam nele apoiadas. Médicos, historiadores, políticos, oleiros, caçadores, marinheiros, pescadores e mulheres em geral eram considerados, entre outros, como inscritos nessa vasta área do conhecimento conjectural²². Esse território (significativamente, domínio da deusa Metis, primeira mulher de Jove, que representava a adivinhação por meio da água) estava demarcado por termos tais como “conjectura”, “julgar pelos signos” (*tekmor, tekmaîres-thai*). Esse paradigma semiótico, porém, continuou a ser meramente implícito; foi inteiramente obscurecido pela teoria do conhecimento de Platão, que foi sustentado em círculos mais influentes e teve maior prestígio²³.

3. Partes dos escritos hipocráticos ostentavam, no geral, um tom defensivo, sugerindo que mesmo no século V A.C. a falibilidade dos médicos já se encontrava sob ataque (Vegetti 1965:143-44). O fato de que esse embate ainda persistia deve-se, talvez, a que as relações entre doutor

rico, médico, filosófico e científico implica uma ruptura com uma atitude baseada na adivinhação”. Nesta passagem, Vernant parece identificar adivinhação com adivinhação inspirada: mas, ver p. 11 sobre a dificuldade de explicar a coexistência, mesmo na Grécia, de ambas as divinações, a inspirada e a analítica. Uma depreciação implícita da sintomatologia de Hipócrates encontra-se sugerida na p. 24 (ver, de qualquer modo, Melandri 1968:251, e sobretudo Vernant e Détienne 1978).

22. Ver Vegetti 1965:22-23. O fragmento de Alcmêon encontra-se editado em Timpanaro Cardini 1958, I:146ss.

23. Acerca disso tudo, ver o rico estudo de Détienne e Vernant (1978). Na edição original francesa, as características divinatórias de Metis estão expostas (104ss), mas, com referência às conexões entre os vários tipos de conhecimento aqui arrolados, bem como divinação, ver também p. 145-49 (marinheiros) e p. 270ss.; sobre medicina, ver a partir de p. 297; sobre as relações entre os seguidores de Hipócrates e Tucídides, ver Vegetti e Diller 1932:22-23. Os elos entre medicina e historiografia podem ser explorados no sentido inverso: ver os estudos sobre “autópsia” registrados por Momigliano (1975:45). A presença da mulher no domínio de Metis encontra-se explorada em Détienne e Vernant 1978, edição francesa: 20 e 267, e será enfocada na versão final deste trabalho.

e paciente (especialmente a incapacidade deste último de checar ou controlar as habilidades do primeiro) não sofreram, em certos aspectos, nenhuma alteração desde os tempos de Hipócrates. O que, sim, mudou nestes últimos dois mil e quinhentos anos foi o modo como esse debate passou a ser conduzido, concomitantemente com mudanças em conceitos como “rigor” e “ciência”. Aqui, obviamente, a virada se deve à emergência de um novo paradigma científico, baseado (e a ela sobrevivendo) na física galileana. Mesmo que a física moderna relute em se auto-definir como galileana (ainda que não rejeitando Galileu), é inegável que a importância de Galileu para a ciência em geral, tanto do ponto de vista epistemológico quanto simbólico, permanece inatacável (Feyerabend 1971:105ss., e 1975; Rossi 1977:149-50).

Agora torna-se claro que nenhuma dessas disciplinas – nem mesmo a medicina – as quais descrevemos como conjecturais poderia adequar-se aos critérios de inferência científica essenciais à abordagem de Galileu. Elas estavam, acima de tudo, relacionadas com o qualitativo, com a singularidade, com o caso ou a situação ou o documento *enquanto individualidade*, o que significa que sempre haveria um elemento de acaso em seus resultados: necessitamos apenas pensar na importância da conjectura (termo cuja origem latina repousa em adivinhação)²⁴ para a medicina ou para a filologia, sem falar das práticas adivinhatórias. A ciência galileana era completamente diferente; poderia ter adotado o dito escolástico *individuum est ineffabile* (nada podemos dizer acerca do indivíduo). O fato de utilizar a matemática e o método experimental implicou a necessidade de mensurar e repetir os fenômenos, enquanto que uma abordagem individualizada teria inviabilizado estes últimos procedimentos e permitido o primeiro apenas em parte. Isso tudo explica porque os historiadores nunca conseguiram desenvolver um método galileano. No século XVIII, ao contrário, o novo impulso de métodos arqueológicos entre os historiadores indicou indiretamente as origens remotas e por longo tempo ocultas da história no modelo conjectural. Esse fato acerca de suas fontes não pode ser camuflado, apesar de seus vínculos bastante estreitos com as ciências sociais. A história sempre se constituiu em uma

24. O *conjector* era um profeta ou adivinho sacerdotal. Aqui e em outras passagens, eu me apoio em Timpanaro 1976, embora, por assim dizer, eu o vire do avesso. Em resumo: Timpanaro pensa que a psicanálise é muito próxima da magia para ser aceita, enquanto eu estou sugerindo que não apenas a psicanálise mas a maioria das chamadas ciências humanas ou sociais tem raiz em uma abordagem divinatória para a construção do conhecimento (ver a última parte deste artigo). A tendência individualizante da mágica e o caráter individualizante das ciências da medicina e da filologia estão apontados por Timpanaro em *The Freudian Slip*.

ciência de tipo particular, fundada irremediavelmente no concreto. Os historiadores não podem evitar as referências ao passado (explícita ou implicitamente) ao comparar séries de fenômenos; suas estratégias de descoberta, porém, bem como seus códigos expressivos, referem-se particularmente a casos particulares, sejam indivíduos, ou grupos sociais ou sociedades como um todo. Nesse sentido, a história é como a medicina, que usa as classificações de doenças para analisar a enfermidade específica de um determinado paciente. E como o médico, o conhecimento do historiador é indireto, baseado em signos e fragmentos de evidências, conjectural²⁵.

No entanto, o contraste que sugeri é uma hiper-simplificação. Há uma entre as disciplinas "conjeturais" – a filologia e, em particular, a crítica de texto – que se desenvolveu, pelo menos em alguns sentidos, de modo atípico. Seus objetos foram definidos ao longo de um processo de redução drástica que isolou aquilo considerado relevante. Esse câmbio no interior da disciplina resultou de dois fatores significativos: a invenção primeiro da escrita e, depois, da impressão. Sabemos que a crítica de texto evoluiu a partir do primeiro, com o registro dos poemas homéricos, e se desenvolveu ainda mais após o segundo, quando os estudiosos humanistas produziram, diligentemente, as primeiras edições impressas dos clássicos²⁶. A princípio, os elementos relacionados com voz e gesto foram descartados como redundantes; posteriormente, as características da escrita à mão sofreram destino similar. O resultado disso foi uma progressiva desmaterialização, ou refinamento dos textos, um processo no qual o apelo do original a nossos diversos sentidos foi eliminado. Um texto, para sobreviver, precisa existir fisicamente; sua identidade, no entanto, não se encontra limitada unicamente por essa forma física, nem por qualquer

25. Esta é uma passagem memorável sobre o "provável" (i.e. incerto) caráter do conhecimento histórico em Bloch 1953. Sua natureza indireta, confiando em traços ou pistas, é destacada por Pomian (1975:935-52), o qual lembra implicitamente a insistência de Bloch sobre a importância do método crítico desenvolvido pela Congregação Beneditina de St. Maure. O ensaio de Pomian, rico em discernimentos, conclui com uma breve apresentação das diferenças entre história e ciência: entre elas não se inclui a abordagem mais ou menos individualizante do conhecimento (1975:951-52). Sobre a vinculação entre a medicina e conhecimento histórico ver Foucault 1977; para outro ponto de vista, ver Granger 1967:206ss. Minha insistência acerca do caráter individualizante do conhecimento histórico tem com ele um elo duvidoso porque, bastante freqüentemente, leva adiante a tentativa de identificar conhecimento histórico com empatia, ou o equacionamento da história com arte e assim por diante. Evidentemente, estas páginas estão sendo escritas com uma intenção em tudo diferente.

26. Sobre as repercussões da invenção da escrita ver Goody e Watt 1962-63 e 1977. Ver também Havelock 1973. Para a história da crítica de texto após a invenção da imprensa escrita ver Kenney 1974.

de suas cópias²⁷. Hoje, tudo isso nos parece evidente por si mesmo, o que não é verdade, em absoluto. Tomemos, por exemplo, o papel decisivo da voz na literatura oral, ou da caligrafia na poesia chinesa, e se torna claro que essa própria noção de “texto” é, em si, o resultado de uma opção cultural cuja significação é incalculável. É o exemplo da China demonstra que essa escolha não foi uma consequência inevitável da substituição da escrita à mão pela impressão, uma vez que a invenção da imprensa não rompeu os vínculos entre o texto literário e a caligrafia. (Veremos sucintamente como essa discussão histórica sobre os “textos” pictóricos gera problemas bastante diferentes).

Essa noção inteiramente abstrata de um texto explica por que a crítica de texto, mesmo quando permanece, em grande escala, adivinhatória (e isso ocorre durante todo o século XIX), pode aparecer como rigorosamente científica²⁸. A decisão radical de excluir todas as modalidades de texto, exceto a reprodução (em escrita ou, após Gutenberg, impressa), tornou possível, mesmo quando tratando com exemplos individuais²⁹, evitar o qualitativo, esse risco primordial da filologia. É bastante significativo que Galileu, quando lançou os fundamentos de uma ciência natural moderna por meio de uma redução conceitual similarmente drástica, tenha se voltado à filologia. A tradicional comparação medieval entre livro e mundo pressupõe que ambos permaneçam abertos, prontos para serem lidos. Galileu, no entanto, enfatiza que “não podemos ter esperança de compreender a filosofia escrita nesse grande livro que se encontra aberto diante de nossos olhos (e com isso quero dizer o universo) a menos que aprendamos primeiro a entender sua linguagem e conhecer os caracteres lá inscritos”, quais sejam “triângulos, círculos e outras figuras geométricas” (Galileu 1965:38)³⁰. Para o filósofo natural, como para o filólogo, o texto é uma entidade, profunda e invisível, a ser reconstituída através e para além dos dados sensíveis à disposição: “imagens, números e movimentos, mas não odores ou sabores ou sons, os quais, acredito, fora do mundo animal, são meras palavras” (Galileu 1965:64; ver também Martinez 1974:160-69).

27. A distinção sugerida por Croce entre *espressione e estrinsecazione capta*, mesmo que em termos mistificados, o processo histórico de desmaterialização do conceito de texto, o qual tento esboçar aqui. A ampliação dessa distinção (obviamente do ponto de vista de Croce) à Arte, com letra maiúscula, me parece insustentável.

28. Ver Timpanaro (1963:1), que sugere que a disciplina, que antes do século XIX era mais uma “arte” que uma “ciência”, à medida que era baseada em conjecturas (*emendatio*) torna-se mais científica através do desenvolvimento do *recensio*.

29. Ver o aforismo de Bidez citado em Timpanaro 1976.

30. Ver Garin 1961:451-64, onde ele discute a interpretação desta e de outras passagens de Galileu, de um ponto de vista próximo do meu aqui expresso.

Aqui, Galileu instalou as ciências naturais em um caminho do qual jamais saíram, e que parece conduzir para longe do antropocentrismo e do antropomorfismo. Abre-se uma fenda, que tende a se ampliar, no mapa do conhecimento. Ali, certamente, não haveria contraste maior que o encontrado entre o físico Galileu, profissionalmente surdo aos sons e proibido de degustar ou cheirar, e o médico da mesma época, que se aventurava a dar seu diagnóstico após auscultar um peito ofegante, ou cheirar fezes ou experimentar urina.

4. Um médico de tal estirpe foi Giulio Mancini, de Siena, clínico chefe do papa Urbano VII. Não há evidências de que ele conhecesse bem Galileu, mas os dois terão provavelmente se encontrado pois freqüentavam os mesmos círculos em Roma, da corte papal à Academia Lincei, e possuíam amigos comuns, de Frederico Cesi a Giovanni Ciampolie a Giovanni Faber³¹. Um perfil bastante vívido de Mancini, traçado por Nicio Eritreo, aliás Gian Vittorio Rossi, descreve seu ateísmo, sua extraordinária habilidade para diagnosticar (detalhada em palavras extraídas dos textos divinatórios) e sua maneira inescrupulosa de extorquir pinturas (no que sua competência se tornou notória) de seus clientes (Eritreo 1692, II: 79-82)³². Mancini escreveu um livro intitulado *Alcune considerazione appartenenti alla pittura come di diletto di un gentilhuomo nobile e come introduttione a quello si deve dire* (Algumas considerações concernentes à pintura como deleite de um nobre cavaleiro e como introdução àquilo que deve ser dito), que teve ampla circulação em forma de manuscrito (há cerca de vinte e cinco anos apareceu uma primeira edição crítica do texto completo)³³. Como diz o próprio título, estava destinado a nobres amantes da arte mais que aos artistas; visava aqueles *dilettanti* os quais, em número cada vez maior, acudiam ao Pantheon para a exposição anual de pintura, moderna e antiga, que se realizava sempre a 19 de março (Haskell 1971:126 e 94ss.). Obviamente, não fora esse mercado de arte, o trecho de *Converzazione*, de Mancini, que é talvez a parte mais original do manuscrito, dedicada a “reconhecimento das pinturas” – que estabelece um método para identificação de falsificações, para discriminação de originais das cópias e coisas do tipo – jamais teria sido escrito (Mancini 1956-57, I:133ss.). Assim, a primeira tentativa de estabelecer um método de perícia, como seria chamado um século de-

31. Sobre Cesi e Ciampoli ver abaixo; sobre Faber, ver Galileu 1935, XIII:207.

32. A exemplo de Rossi, Naude também chama Mancini um ateuista radical (“*grand et parfait Athée*”) (Pintard 1943, I:261-262).

33. Mancini 1956-1957. A importância de Mancini como “*connoisseur*” é destacada por Mahon (1947:279ss.). Também Hess 1968 encontra-se cheio de referências interessantes, mas é excessivamente redutivo em suas conclusões.

pois, foi mérito de um médico famoso por seus brilhantes diagnósticos e quem, ao visitar um paciente, “podia adivinhar” (*divinabat*), com uma rápida olhadela, as conseqüências de uma enfermidade (Eritreo 1692, II:80-81)³⁴. Certamente, podemos ver mais do que coincidências nessa dupla habilidade, nessa combinação das percepções de um médico com as de um perito.

Antes, porém, de estudar mais apuradamente as posições de Mancini, vamos nos deter em uma suposição compartilhada por ele, pelo cavaleiro para quem ele escreveu e por nós mesmos. Trata-se de uma presunção não declarada, uma vez que (equivocadamente) ela é dada como óbvia: é a de que entre uma tela de Rafael e qualquer cópia dela (pintada, esculpida e, contemporaneamente, fotografada) existe uma inerradicável diferença. As implicações desse fato – de que uma pintura é única por definição, impossível de ser reproduzida³⁵ – para o mercado são evidentes e estão vinculadas ao surgimento do especialista. No entanto, essa suposição nasce de uma opção cultural que não pode ser tomada como certa, especialmente quando se tem uma postura diferente com relação ao texto escrito. O pretenso caráter intrínseco distintivo entre a pintura e a escritura e suas respectivas diferentes abordagens são irrelevantes neste contexto. Já vimos como o desenvolvimento histórico foi gradualmente despindo os textos daqueles traços não considerados pertinentes. No caso da pintura, não ocorreu esse desnudamento (pelo menos até agora). Esse é o motivo pelo qual acreditamos que, enquanto cópias manuscritas ou impressas de *Orlando Furioso* podem reproduzir exatamente as intenções do texto de Ariosto, o mesmo não ocorre com a cópia de um retrato de Rafael³⁶.

34. Na página 82 ele relata como, não muito tempo antes, um diagnóstico feito por Mancini, e que resultou ser correto (o paciente era o Papa Urbano VIII), foi qualificado como segunda visão ou profecia (*secundae visionis, seu praedictio*).

35. Gravuras, obviamente, propõem um problema diferente do da pintura. Falando de um modo geral, uma das tendências, hoje, é a de se afastar da obra de arte única (os “múltiplos” são um exemplo óbvio); há outras tendências, porém, que confirmam a importância da irreproduzibilidade (performances, não de obras, mas nos moldes do “*body art*” ou “*land art*”).

36. Tudo isso se apoia, é evidente, em Benjamin (1969), que, no entanto, discute apenas obras de arte figurativas. O caráter unitário destas – com especial insistência na pintura – opõe-se à reproduzibilidade dos textos literários em Gilson 1958:93 e, em especial, 95-96. (Devo esta referência a Renato Turci). Mas, Gilson trata essa questão como uma diferença intrínseca e não histórica, como eu tentei sugerir. Um caso como o do pintor De Chirico “falseando” seus próprios trabalhos demonstra como a crença de hoje no caráter absolutamente único de uma dada obra de arte tende a pôr de lado a idéia da individualidade biológica do próprio artista.

A diferença de *status* entre a cópia da pintura e a da literatura explica porque Mancini não lançou mão das técnicas de crítica de texto ao desenvolver seus métodos de perícia, embora ele estivesse estabelecendo uma analogia entre o ato de pintar e o ato de escrever (ver uma notação de Salerno em Mancini 1956-57, II:xxiv, n. 55). Justamente porque começa com essa analogia, ele teve de buscar auxílio em outras disciplinas, as quais ainda estavam em formação.

O primeiro problema de Mancini refere-se à datação das pinturas. Para discerni-las, diz ele, é necessário se adquirir “uma certa experiência em reconhecer a pintura de determinado período, como o fazem os anti-quários e bibliotecários com relação aos textos, de modo que eles podem afirmar a época em que alguma coisa foi escrita” (Mancini 1956-57, I:134)³⁷. A alusão ao reconhecimento de textos quase com certeza se refere aos métodos elaborados nesses mesmos anos por Leone Allaci, bibliotecário no Vaticano e responsável pela datação de manuscritos gregos e latinos – métodos esses que foram recuperados e desenvolvidos meio século mais tarde por Mabillon, o fundador da paleografia³⁸. Entretanto, continua Mancini, “à parte as características comuns da época, há as características particulares do indivíduo”, na mesma medida em que “vemos que os escritores possuem traços distintivos”. Portanto, a analogia entre a escritura e a pintura se dá, primeiramente, ao nível geral (o período) e se renova, então, na outra ponta da escala (o indivíduo). Por esse parâmetro, o método protopaleográfico de um Allaci não poderia funcionar. Havia por esses anos, porém, uma tentativa solitária de apli-

37. Ao final da citação, eu substituí “*pittura*”, “pintado”, por “*scrittura*”, “escrito”, como requeria o contexto.

38. Aqui estão as razões pelas quais sugeri Allaci. Em outra passagem, como mencionada aqui, Mancini se refere a “bibliotecários, em particular no Vaticano”, capazes de datar manuscritos antigos, tanto gregos quanto latinos (1956-57, I:106). Nenhuma destas passagens figura na versão reduzida, conhecida como *Discorso sulla pittura*, que Mancini concluiu antes de 13 de novembro de 1619 (*ibid.*:xxx; texto do *Discorso*, 291ss.; a parte sobre “reconhecimento” de pinturas 327-30). Allaci foi nomeado como “escriba” no Vaticano em meados de 1619 (Odier 1973:129); estudos recentes sobre Allaci estão arrolados em 128-31). Em Roma, por essa época, não havia ninguém, exceto Allaci, especializado em manuscritos gregos e latinos como descreve Mancini. Sobre a importância das idéias de Allaci acerca da paleografia ver Casamassima 1964:532, que também menciona o vínculo Allaci-Mabillon, embora prometa maiores referências em uma continuação que nunca apareceu. Na coleção de cartas de Allaci na Biblioteca do Vaticano não consta nenhuma indicação de contato com Mancini, mas eles pertenciam, sem nenhuma dúvida, ao mesmo círculo intelectual, como o demonstram as respectivas amizades com G. V. Rossi (ver Pintard 1943). Quanto à amizade de Allaci com Maffeo Barberini, antes que este se tornasse papa (Urbano VIII, de quem Allaci se tornou bibliotecário), ver Mercati 1952:26, n.1. Mancini, como já mencionei, era o principal médico de Urbano.

cação da análise à manuscritura pessoal com vistas a novos propósitos. Mancini, com sua competência de médico, mencionando Hipócrates, afirmava que era possível recuar dos “fatos” para as “impressões” da alma, as quais derivavam dos “traços” característicos dos corpos dos indivíduos. Por essa razão, alguns refinados intelectos da época haviam produzido textos afirmando que era possível revelar o intelecto e a mente de alguém por meio de seu modo pessoal de escrever e de seus manuscritos. Um desses “refinados intelectos” foi, com toda probabilidade, Camillo Baldi, um médico de Bolonha, que incluiu em seu *Trattato come da una lettera missiva si conoscano la natura e qualità dello scrittore* (Tratado sobre como, a partir de uma carta, podemos conhecer a natureza e a qualidade do escritor) um capítulo que é, provavelmente, o primeiro ensaio europeu de grafologia. Tem por título o capítulo de abertura: “Que significados podemos ler na forma das letras” (*nella figura del carattere*). O termo aqui empregado para letra é “carattere”, significando a forma da letra como é desenhada por uma caneta no papel (*ibid.*:107; Baldi 1622:17-18ss.)³⁹.

Apesar de suas palavras de louvor, Mancini não estava interessado nos esforços empreendido por essa grafologia neo-nata no sentido de reconstituir as personalidades dos escritores estabelecendo seus “caracteres” (no sentido psicológico) a partir de seus “caracteres” (a forma de suas letras). (Novamente as origens do duplo sentido se remetem a um

39. Sobre Baldi, que escreveu também alguns tratados de fisiognomonia e adivinhação, ver Tronti 1963, que termina citando, com aprovação, o desdenhoso comentário de Moréri: *on peut bien le mettre dans le catalogue de ceux qui ont écrit sur des sujets de néant*. (Podemos muito bem, incluí-lo no rol daqueles que escreveram acerca de nada (N. do T.)). Em seu *Discorso sulla pittura*, escrito antes de 13 de novembro de 1619 (ver nota 38), Mancini disse: “as características individuais da manuscritura têm sido estudadas por um nobre espírito. Em um pequeno livrinho muito lido ultimamente, ele tentou demonstrar e analisar as causas dessas características, vinculando os modos de escrever à compleição e hábitos do escritor: um livro raro e requintado, ainda que demasiado curto” 1956-57:306-07. (Eu substituí “*astratta*” (abstrato) por “*astretta*” (curto) com base no ms. 1698 (60) da Biblioteca da Universidade de Bologna, c. 34 r. A identificação com Baldi sugerida acima apresenta duas dificuldades: (1) a primeira edição impressa do *Trattato* de Baldi apareceu em Capri, em 1622, (conseqüentemente, em 1619, ou próximo dessa data, ele não poderia ser “muito lido”), (2) em seu *Discorso*, Mancini fala de um “nobre espírito”; em seu *Considerazioni*, de “juízo ágil”. Ambas as dificuldades, no entanto, desaparecem quando lemos a advertência do editor na primeira edição do *Trattato* de Baldi: “O autor deste pequeno tratado não desejava publicá-lo; como, porém, um escrivão imprimiu-o sob sua autoria, juntamente com muitas cartas e escritos de vários autores, decidi que seria honesto revelar a verdade, reestabelecendo a verdadeira autoria”. Mancini, portanto, viu primeiro o “pequeno livrinho” publicado pelo “escrivão” (não fui capaz de identificá-lo) e, depois, o *Trattato* de Baldi, o qual, de todo modo, circulou numa versão manuscrita, ligeiramente diferente da impressa (ver Biblioteca Classense, Ravenna, ms. 142, que inclui também outros escritos de Baldi).

contexto disciplinar originalmente compartilhado). No entanto, ele estava perplexo com a hipótese preliminar sobre a qual se achava assentada a nova disciplina, ou seja, a variedade das diferentes manuscrituras e a impossibilidade, portanto, de serem imitadas. Pela identificação, na pintura, de elementos igualmente impossíveis de serem imitados, ele poderia alcançar seu objetivo de distinguir os originais dos falsos, a mão do mestre das de um copista ou discípulo. Daí advém seu conselho de checar cada pintura para constatar:

onde a mão resoluta do mestre pode ser detectada, em especial naquilo que exigiria grande esforço de imitação como nos cabelos, barbas ou olhos. Cachos e ondas de cabelo, se forem perfeitamente reproduzidas, parecerão por demais elaboradas, e se o copista falhar em bem captá-las, carecerão do traço perfeito da versão do mestre. Essas partes da pintura são como os traços da pena e os floreios do texto manuscrito, que precisam do toque certo e resolutivo do mestre. O mesmo cuidado deve ser tomado com relação a traços particularmente arrojados ou brilhantes, os quais o mestre pincela com uma segurança que não pode ser imitada; por exemplo, nas pregas e cintilações das cortinas que têm mais a ver com a ousadia da imaginação do mestre do que com o modo como elas pendiriam na realidade. (Mancini 1956-57:134).

Aqui, portanto, o paralelo entre pintura e escritura, que Mancini já havia estabelecido em vários contextos, apresenta um novo viés, o qual já havia sido anteriormente sugerido em um trabalho do arquiteto Filarete (ver seção 6, abaixo), e com o qual Mancini parece não ter tido contato (Averlino 1972, I:28)⁴⁰. A analogia encontra-se reforçada pelo uso de termos técnicos, comuns em tratados contemporâneos sobre escrita, tais como “firmeza”, “traçado”, “floreios”⁴¹. Também a competição pela agilidade tem a mesma origem: com as novas necessidades burocráticas, uma mão capaz de uma elegante escritura cursiva deveria ser também rápida, se quisesse ter êxito no mercado de copistas⁴². Em geral, a ênfase

40. Ver, no geral, p. 25-28. A passagem encontra-se referida como pressagiando “o método Morelli” in Schlosser 1926, II.4.

41. Ver por exemplo Scalzini (1585:20): “quem está acostumado a escrever desse jeito, após breve espaço de tempo perde a agilidade e a firmeza natural de sua mão...”; Cresci (1622:84): “... não se deve acreditar nesses traçados, que eles afirmam em seus trabalhos serem feitos com um simples traço de caneta e muitos floreios...” e assim por diante.

42. Cf. Scalzini (1585:77-78): “Se esses colegas que escrevem mansamente, com suas linhas e seus vernizes, fossem trabalhar para algum príncipe ou lorde, que necessitasse (como ocorre) de 40 ou 50 longas cartas em quatro horas, quanto tempo não levariam, por sua graça, para um trabalho como esse?” (o alvo deste comentário polêmico é fornecido por alguns “convencidos mestres anônimos”, acusados de ensinar uma lenta e elaborada *cancellesca*).

que Mancini colocava nos aspectos decorativos é uma evidência da cuidadosa atenção para com as características dos modelos de escrita manual que prevaleciam na Itália no fim do século XVI e começo do XVII (Casamassina 1966:75-76). A observação de como as letras eram formadas conduziu-o à conclusão de que o toque do mestre poderia ser identificado com maior confiança nas partes da pintura que (1) eram agilmente executadas e (2) tendiam a não ser uma representação muito fiel da coisa real (detalhes de cabelo, drapeados cujas dobras tinham “mais a ver com a ousadia da imaginação do mestre do que com o modo como elas penderiam na realidade”).

5. “Caracteres” (*caratteri*). O mesmo termo aparece por volta de 1620, com sentido tanto literal quanto analógico, nos escritos do fundador da física moderna, por um lado, e, dos criadores respectivos da paleografia, grafologia e perícia, por outro. Naturalmente, é apenas metafórica a relação que vincula os “caracteres” insubstanciais que Galileu, com os olhos do intelecto⁴³, viu no livro da natureza, e aqueles os quais Allacci, Baldi ou Mancini decifraram em papéis, ou pergaminhos ou telas reais. O uso de termos idênticos, porém, torna mais surpreendente o fato de as disciplinas aqui agrupadas serem tão diversas. Também o valor científico delas (no sentido galileano) varia, afastando-se rapidamente dos “aspectos universais” da geometria, passando pelos “aspectos comuns de um período” detectados em um escrito, até os “aspectos específicos individuais” de um estilo pictorial ou mesmo de um manuscrito.

O nível decrescente de conteúdo científico reforça o argumento de que a dificuldade real de aplicação do modelo galileano reside no grau de relação da disciplina com o indivíduo. À medida que os aspectos se encontram centrados mais e mais no indivíduo, mais difícil se torna a construção de um corpo de conhecimento rigorosamente científico. Naturalmente, a decisão de ignorar aspectos individuais não poderia por si mesma garantir que os métodos da matemática e da física, indispensáveis à adoção do modelo galileano, fossem de fato aplicados; embora, por outro lado, não poderia excluí-los de todo.

6. Com relação a este ponto, portanto, há duas abordagens possíveis: sacrificar a compreensão do elemento individual de modo a alcançar um padrão de generalização mais ou menos rigoroso e mais ou menos matemático, ou tentar desenvolver, ainda que experimentalmente, um modelo alternativo, baseado em uma compreensão do individual que fosse científica (não obstante deva ser de algum modo elaborado). A primeira abordagem foi aplicada pelas ciências naturais e só muito mais

43. “... este grande livro, que a Natureza deixa aberto acessível a todo mundo, tem olhos na frente assim como no cérebro” (citado e discutido em Raimondi 1974:23-24).

rante pelas assim chamadas ciências humanas ou sociais. O motivo é óbvio. A probabilidade de suprimir os aspectos individuais está diretamente relacionada com a distância emocional do observador. Filarete, em uma passagem de seu *Trattato di architettura* (Tratado de Arquitetura, século XV), após argumentar que é impossível se construir dois edifícios absolutamente idênticos, uma vez que, apesar da primeira impressão, sempre haverá diferenças de detalhes (do mesmo modo que “as fuças dos tártaros sempre se parecem e que todos os etíopes são negros, mas se você observar mais cuidadosamente, são todos diferentes ao mesmo tempo que semelhantes”), ele acaba por admitir que “há algumas criaturas que são tão semelhantes quanto as moscas, formigas, minhocas, sapos e tantos peixes, que não se pode distingui-los entre si” (Averlino 1972:26-27). Portanto, para um arquiteto europeu, as sutis diferenças entre dois edifícios (europeus) eram importantes, aquelas entre os rostos de tártaros ou etíopes não eram, e aquelas entre duas minhocas ou duas formigas simplesmente não existiam. Um arquiteto tártaro, um etíope especialista em arquitetura ou uma formiga teriam classificado as coisas de modo diverso. O conhecimento baseado no estabelecimento de distinções individualizantes é sempre antropocêntrico, etnocêntrico e sujeito a outras influências específicas. Naturalmente, mesmo animais ou minerais ou plantas podem ser examinados em suas propriedades individuais, como, por exemplo, no contexto da adivinhação⁴⁴, especialmente em casos que apresentam anormalidades. (Como é amplamente conhecido, a teratologia era uma parte importante da divinação). Nas primeiras décadas do século XVII, porém, a influência do modelo galileano (mesmo quando indireta) levaria ao estudo do típico mais do que do excepcional, à compreensão geral do funcionamento da natureza mais do que à divinação. Em abril de 1625, um bezerro com duas cabeças nasceu nas cercanias de Roma. Esse fato atraiu a atenção dos naturalistas da Academia Lincei e foi objeto de discussão nas dependências dos jardins do Vaticano por um grupo que incluía Giovanni Faber, secretário da Academia, e Giovanni Ciampoli (ambos, como já advertimos, amigos de Galileu), Mancini, o Cardeal Agostinho Vegio e o Papa Urbano VIII. A primeira questão era se o bezerro de duas cabeças deveria ser contado como dois ou como um único animal. Para os médicos, o traço distinguidor do indivíduo era o cérebro; para os seguidores de Aristóteles o coração (Lynceo 1651:599 ss.)⁴⁵. Como Mancini era o único médico presente, podemos concluir que

44. Ver Bottéro 1974:101, embora ele atribua o uso menos freqüente, na adivinhação, de minerais e vegetais e, mesmo, de certo modo, de animais, à presumível “pobreza formal” destes mais do que a uma abordagem simplesmente antropocêntrica.

45. Estes trechos são parte de um capítulo de Giovanni Faber, o que não fica claro

o relatório de Faber sobre a opinião dos médicos fazia eco às contribuições de Mancini. Apesar de seus interesses astrológicos⁴⁶, Mancini avaliou o caráter específico do nascimento do monstro não com o objetivo de revelar o futuro, mas com a intenção de chegar a uma definição mais acurada de um indivíduo normal que, enquanto membro de uma espécie, podia ser considerado perfeitamente reproduzível. Mancini teria examinado a anatomia do bezerro de duas cabeças com a mesma cuidadosa atenção que ele habitualmente dedicava às pinturas. Neste ponto, porém, deve cessar a analogia com o perito. De algum modo, uma figura como Mancini representa o ponto de contato entre a abordagem divinatória (nas atividades dele como diagnosticador e perito) e o modelo generalizante (como anatomista e naturalista). Mas, ele também condensa as diferenças entre eles. Ao contrário do que pode parecer, a dissecação do bezerro, tão precisamente descrita por Faber, com as delicadas incisões feitas de modo a revelar os órgãos internos da criatura (Lynceo 1651:600-27)⁴⁷, foi feita com o objetivo de estabelecer não o “caráter” peculiar daquele animal específico, mas o “caráter comum” (voltando-se da história para a história natural) da espécie como um todo. Foi uma continuação e um refinamento da tradição da história natural fundada por Aristóteles. A visão, simbolizada pelo olho vigilante do lince no emblema da Academia Lincei de Frederico Cesi, era órgão vital dessas disciplinas, nas quais não estava permitido o olho extrasensorial da matemática⁴⁸.

7. Essas disciplinas aparentemente incluíam as ciências humanas ou sociais (como as definiríamos hoje). Isso seria o esperado, ainda que fosse por seu insistente antropocentrismo, o qual já ilustramos com a citação gráfica de Filarete. Houve, porém, tentativas de aplicação do método matemático, mesmo para o estudo dos fenômenos humanos (ver, e.g., “Regras de Craig” 1964). Não é surpreendente que a primeira e a mais bem sucedida se referisse à aritmética política e tomasse como seus

pela informação do título. Há uma excelente análise desse livro, destacando-lhe a importância, em Raimondi (1974:25ss).

46. Mancini (1956-1957, I:107) se refere a um texto de Francesco Giuntino sobre o horóscopo de Dürer. (O editor de *Considerazioni* II:60, n. 483, não identifica o texto; ver, porém, Giuntino 1573:269v.).

47. Foi o Papa Urbano em pessoa quem insistiu para que o relato ilustrado fosse publicado (Lynceo 1651:599). Sobre o interesse desse grupo em pinturas de paisagens ver Cavina 1976:139-144.

48. Ver o interessante ensaio de Raimondi (1974), ainda que, de acordo com Whitehead, ele tenda a desprezar a oposição entre os dois paradigmas, o abstrato-matemático e o concreto-descritivo. Acerca do contraste entre a ciência clássica e a baconiana ver Kuhn 1975.

objetos aquilo de mais predeterminado – biologicamente falando – das atividades humanas: nascimento, procriação e morte. Este foco drasticamente exclusivo permitia a investigação rigorosa e, ao mesmo tempo, satisfazia os objetivos militares ou fiscais dos estados absolutistas, cujos interesses, dados os limites de suas operações, eram integralmente numéricos. Mas, se os patronos da nova ciência, a estatística, não estavam interessados nos fatores qualitativos em oposição aos quantitativos, não significava que isso estivesse totalmente fora do universo daquilo que temos chamado de disciplinas conjunturais. Cálculos concernentes à probabilidade (como no título do clássico de Bernoulli *A Arte da Conjectura* (*Ars Conjectandi*, 1713, póstuma) tentaram dar uma formulação matemática rigorosa aos mesmos problemas que haviam sido abordados de maneira totalmente diferente pela divinação⁴⁹.

Contudo, o grupo de ciências humanas permaneceu firmemente ancorado no fator qualitativo, ainda que com desconforto, especialmente no caso da medicina. Embora tenha havido progressos, seus métodos ainda permanecem incertos e seus resultados imprevisíveis. Textos tais como *Um Ensaio sobre a Exatidão da Medicina*, do ideólogo francês Cabanis, que apareceu por volta do final do século XVIII (Cabanis 1823), admitiam essa falta de rigor, ao mesmo tempo que insistiam em que a medicina, contudo, era científica a seu próprio modo. Parece haver duas razões básicas para a ausência de exatidão na medicina. Em primeiro lugar, as descrições de enfermidades específicas, adequadas em sua classificação teórica, não se mostravam necessariamente adequadas na prática, uma vez que a doença poderia se manifestar diferentemente em cada paciente. Em segundo lugar, o conhecimento de uma doença sempre permaneceu indireto ou conjectural. Os segredos do corpo vivo sempre estiveram, por definição, fora de alcance. Uma vez morto, obviamente, poderia ser dissecado, mas como fazer a transição do cadáver, irreversivelmente transformado pela morte, para as características do indivíduo vivo? (Foucault 1973 e 1977b:192-193)? O reconhecimento dessa dupla dificuldade implica inevitavelmente a admissão de que mesmo a eficácia dos procedimentos médicos não poderia ser provada. Por último, o rigor distintivo das ciências naturais jamais poderia ser obtido na medicina devido à incapacidade desta de quantificar (exceto quanto a aspectos puramente auxiliares). A incapacidade de quantificar resulta da impossibilidade de eliminar o qualitativo, o individual, e a impossibilidade de eliminação do individual, por sua vez, resulta do fato de o olho humano ser muito mais sensível às diferenças, mesmos as mais sutis, entre seres hu-

49. Sobre essa matéria, aqui apenas esboçada, ver o excelente livro de Hacking (1975). Também vale a pena ver Ferriani 1978.

manos do que entre pedras ou folhas. As discussões sobre a “inexatidão” da medicina promoveu as primitivas formulações daquilo que viria a ser o problema epistemológico central nas ciências humanas.

8. Nas entrelinhas do livro de Cabanis transparece uma impaciência que é compreensível. Apesar das objeções mais ou menos justificadas que podem ser feitas a seu método, a medicina permanece sendo uma ciência com total reconhecimento social. Mas nem todas as disciplinas conjecturais se dão tão bem nesse período. Algumas, como a perícia, de origem bastante recente, ostentam uma posição ambígua, nos limites das disciplinas reconhecidas. Outras, mais comprometidas com a prática cotidiana, foram mantidas de fora. A habilidade de predizer a doença de um cavalo a partir do estado de seus cascos, uma tempestade iminente a partir de uma alteração do vento ou intenções hostis a partir de uma expressão sombria no rosto de alguém não poderia, com certeza, ser aprendida em tratados sobre cuidados com cavalos, ou sobre o tempo ou sobre psicologia. Em cada um dos casos, esse tipo de conhecimento seria mais profundo do que qualquer documento escrito sobre o assunto; foi aprendido não nos livros mas de ouvir, de fazer ou de observar; sua natureza sutil muito dificilmente poderia encontrar uma expressão formal e nem mesmo poderia ser reduzido a palavras: trata-se da herança – em parte comum, em parte diferenciada – de homens e mulheres de qualquer classe. Um fio consistente conecta entre si esses modos de conhecimento: todos nascem da experiência, do concreto e do individual. Essa qualidade concreta era tanto a força quanto o limite desse tipo de conhecimento; ele não poderia fazer uso da ferramenta, terrível e poderosa, da abstração (ver também Ginzburg 1980).

De tempos em tempos, foram feitas tentativas de registrar algo desse saber, enraizado, localmente, mas sem origem, ou registro ou história conhecidos⁵⁰, de modo a encerrá-lo na camisa-de-força da precisão terminológica. Isso, em geral, acabou por constrangê-lo e empobrecê-lo. Basta apenas pensar no abismo que separa os rígidos e esquemáticos tratados de fisiognomonia da prática perceptiva e flexível de um amante, ou de um tratador de cavalos ou de um jogador de cartas. Talvez tenha sido apenas na medicina que a codificação e o registro do saber conjectural produziu um enriquecimento real, embora a história da relação entre a medicina oficial e a popular ainda esteja para ser escrita. Ao longo do século XVIII, a situação mudou. Por meio de uma verdadeira ofensiva cultural, a burguesia se apropriou cada vez mais do saber tradicional dos

50. Aqui retomo, embora com sentido bastante diverso, alguns pontos já considerados por Foucault (1977b:167-169).

artesãos e camponeses, saber esse, em parte, conjectural. A burguesia organizou-o e registrou-o, ao mesmo tempo que intensificou o processo massivo de invasão cultural que já se havia iniciado, embora sob diferentes formas e com diferentes conteúdos, durante a Contra Reforma. O símbolo e o instrumento decisivo dessa ofensiva foi, naturalmente, a *Encyclopédie* francesa. Mas, deveríamos também analisar esses pequenos porém reveladores incidentes do mesmo modo que um Winckelmann, provavelmente atônito, ouviu de um anônimo pedreiro romano que a pequena e misteriosa pedra não identificada, escondida na mão de uma estátua descoberta em Porto d'Anzio, era “a tampa ou a rolha de uma pequena garrafa”.

A coleção sistemática de tais “pequenos achados”, como os chamou Winckelmann⁵¹, foi a base de novas formulações de conhecimento arcaico durante os séculos XVIII e XIX, da culinária à hidrologia e à ciência veterinária. Para um crescente número de leitores, o acesso à experiência específica se fez cada vez mais através das páginas dos livros. A novela forneceu à burguesia um substituto, ainda que em nível diferente, para os ritos iniciatórios, ou seja, para o acesso à experiência real como um todo⁵². E, mais ainda, foi graças aos trabalhos de ficção que o paradigma conjectural teve um novo e inesperado sucesso nesse período.

9. Vinculada a essa origem hipotética do conjectural no seio de remotos caçadores, já mencionamos a história dos três irmãos que, interpretando uma série de rastros, reconstituíram a aparência de um animal que nunca haviam visto. Essa história apareceu pela primeira vez em uma coletânea de Sercambi (Cerulli 1975)⁵³. Em seguida, reapareceu na abertura de uma coleção ainda mais extensa de histórias, apresentada como traduções italianas do persa por um armênio chamado Christopher, vindo para Veneza em meados do século XVI, sob o título *Peregrinaggio di tre giovani figliuoli del re di Serendippo (Peregrinações dos três jovens filhos do rei de Serendippo)*. Este livro mereceu inúmeras edições e traduções – primeiro na Alemanha; depois, acompanhando o gosto do século XVIII pelas coisas orientais, em edições nas principais línguas eu-

51. Ver Winckelmann 1954, II:316 (carta de 30 de abril de 1763 a G. L. Bianconi, em Roma) e nota na p. 498. Os “pequenos achados” são mencionados em Winckelmann 1953, I:341.

52. Isto vale não apenas para romances sobre a formação e o desenvolvimento do personagem (“*Bildungsromanen*”). Desse ponto de vista o romance é a sucessora efetiva da fábula. Ver Propp 1946.

53. Sobre Sercambi ver pp. 347ss. O artigo de Cerulli acerca das origens e difusão das *Peregrinações* deve ser completado com aquilo que se conhece das origens orientais da estória e seus efeitos indiretos posteriores (por meio de *Zadig*) nas estórias de detetive.

ropéias⁵⁴. O sucesso da história dos filhos do rei Serendippo levou Horacio Walpole a cunhar, em 1745, o termo “serendipicidade”, significando com ele a possibilidade de se realizar ditosas e inesperadas descobertas, favorecidas “pelo acaso e pela sagacidade” (Heckscher 1974:130-11)⁵⁵. Alguns anos antes, Voltaire, no terceiro capítulo de *Zadig*, retrabalhou o primeiro volume de *Peregrinações*, que ele havia lido na tradução francesa. Em sua versão, o camelo da história original é substituído por uma cadela e um cavalo, os quais Zadig é capaz de descrever em detalhes decifrando-lhes os rastros. Acusado de ladrão e levado imediatamente diante dos juízes, Zadig prova sua inocência relatando o processo mental que o habilitou a descrever os animais sem nunca tê-los visto antes:

Vi na areia os rastros de uma animal e conclui, sem dificuldade, tratar-se de um pequeno cãozinho. As marcas estriadas que ficaram impressas nos montículos de areia, entre as pegadas, me indicaram que se tratava de uma fêmea com as tetas penduradas e que, portanto, acabara de dar nascimento a uma ninhada...

Nestas linhas, e nas que se seguiram, repousa o embrião das histórias de detetive. Elas inspiram diretamente Poe e Gaboriau e talvez, indiretamente, Conan Doyle⁵⁶.

O extraordinário sucesso das histórias de detetive é por todos reconhecido e pretendemos retomar alguns dos motivos desse êxito. Por ora, vale a pena frisar que elas estão fundadas em um modelo cognitivo que é, ao mesmo tempo, muito antigo e muito novo. Já apresentamos suas raízes remotas. Quanto a seus elementos modernos, devemos mencionar o elogio de Curvier, em 1834, acerca dos métodos e sucessos da nova ciência da paleontologia:

Hoje em dia, quem vê a marca impressa de um casco bipartido pode concluir que o animal que a deixou foi um ruminante, e essa conclusão é tão certa quanto qualquer outra referente à física ou à ética. Esse simples rastro, por outro lado, informa o observador acerca do tipo de dentadura, o tipo de queixada, a

54. Cerulli menciona traduções para o alemão, o francês, o inglês (do francês) e o dinamarquês (do alemão). Essa lista deve ter sido confrontada e talvez ampliada em um livro que não tive a oportunidade de ver (Remer 1965) cujas pp. 184-90 relacionam edições e traduções. (Ver Heckscher 1974:131, n. 46).

55. Isto representa um desenvolvimento da idéia apresentada em Heckscher 1967:245, n. 11. Esses dois artigos de Heckscher são extremamente ricos em idéias e referências; examinam as origens do método de Aby Warburg de um ponto de vista que se aproxima do meu, neste ensaio. Para uma versão futura, pretendo seguir a trilha leibniziana sugerida por Heckscher.

56. Ver, no geral, Messac 1929 (excelente, embora já um pouco ultrapassado). Sobre as relações entre *Zadig* e *as Peregrinações* ver pp. 17ss. e também pp. 211-12.

anca, o lombo e a pelve do animal que o deixou: é uma evidência mais segura do que todas as pistas de Zadig (Messac 1929:34-35).

Talvez mais segura, mas, por certo, de semelhante natureza. O nome de Zadig teve tal permanência que, em 1880, Thomas Huxley, em uma série de conferências destinadas a divulgar as descobertas de Darwin, definiu como “método Zadig” o procedimento comum à história, arqueologia, geologia, astronomia física e paleontologia: ou seja, a formulação de prognósticos retrospectivos. Aquelas disciplinas, sendo profundamente comprometidas com o desenvolvimento histórico, dificilmente poderiam evitar o retrocesso ao modelo conjectural ou divinatório (Huxley, inclusive, fez referência explícita à divinação direcionada para o passado)⁵⁷, colocando de lado o paradigma galileano. Quando as causas não podem ser repetidas, não há alternativa que inferi-las de seus efeitos.

III

1. Esta investigação pode ser comparada ao ato de seguir os fios em um tear. Chegamos ao ponto no qual eles podem ser observados compondo um todo, um tecido homogêneo e estreitamente urdido. Para checar a coerência do padrão, percorremos com o olhar as diferentes linhas. Verticalmente, isso nos fornece a seqüência Serendippo – Zadig – Poe – Gaboriau – Conan Doyle. Horizontalmente, temos a justaposição feita pelo crítico literário Dubos, no começo do século XVIII, – obedecendo a uma ordem de confiabilidade decrescente –, da medicina, da perícia e da identificação através de manuscrito (Dubos 1729, II:362-35; parcialmente mencionado em Zerner 1978:215n.). Por fim, diagonalmente, temos a passagem de um contexto histórico a outro, às costas do detetive-herói de Gaboriau, *Monsieur Lecoq*, que percorreu sem descanso um “território desconhecido, coberto de neve”, marcado por rastros de criminosos, semelhante a “uma vasta página branca na qual as pessoas por quem procuramos deixaram não só pegadas e vestígios de movimento como também as marcas de seus mais íntimos pensamentos, as espe-

57. Ver Huxley 1881:128-148. (Esta foi uma conferência proferida no ano anterior. Voltei minha atenção para isto a partir de uma referência encontrada em Messac 1929). Na p. 132, Huxley afirma que “mesmo tomando a ‘adivinhação’ em seu sentido estrito, é óbvio que a essência da operação profética não reside em suas relações retrospectivas ou futurísticas com o curso do tempo, mas no fato de que se trata de uma apreensão daquilo que se localiza fora da esfera do conhecimento imediato; a visão daquilo que, para o sentido natural do profeta, é invisível”. Ver também Gombrich 1969:35ss.

ranças e temores pelos quais são impulsionados” (Gaboriau 1877, I:44)⁵⁸. Sobressaem-se os autores de tratados sobre fisiognomonía, os videntes babilônicos tentando ler as mensagens escritas nos céus e terras e os caçadores neolíticos.

O tecido é o paradigma com o qual fizemos a síntese dessa retrospectiva, retirada de vários contextos: da caça, da divinação, conjectural ou semiótico. Estes não são, obviamente, sinônimos, mas descrições alternativas as quais, sem embargo, remetem retrospectivamente a um modelo epistemológico comum, elaborado para um certo número de disciplinas, elas próprias freqüentemente interligadas por métodos tomados por empréstimo ou palavras-chave. Agora, entre os séculos XVIII e XIX, com o surgimento das “ciências humanas”, a constelação de disciplinas conjecturais mudou profundamente: apareceram novas estrelas que (como a frenologia)⁵⁹ logo se apagaram ou que (como a paleontologia) viariam a adquirir grande brilho; foi, no entanto, a medicina que confirmou seu elevado estatuto social e científico. Passou a ser ponto de referência, explícito ou por via indireta, de todas as ciências humanas. Mas, qual área da medicina? Por volta de meados do século XVIII, duas alternativas tornaram-se visíveis: o modelo anatômico e o semiótico. A metáfora da “anatomia da sociedade civil”, empregado por Marx em um texto crítico⁶⁰, expressa a aspiração a um sistema de conhecimento (em uma época na qual o último grande sistema filosófico – o hegeliano – já se havia desintegrado). Em que pese o grande sucesso do marxismo, porém, as ciências humanas acabaram, mais e mais, aceitando (com uma grande exceção à qual nos referiremos) o paradigma conjectural da semiótica. E aqui retornamos à Tríade Morelli – Freud – Conan Doyle, por onde começamos.

2. Até o momento, temos utilizado o termo paradigma conjectural (e suas variações) de modo bastante amplo. Agora, vamos esmiuçá-lo em partes. Uma coisa é analisar pegadas, estrelas, fezes (animais ou humanas), catarros, córneas, pulsações, campos recobertos de neve ou cinzas caídas de cigarros; outra, é analisar escrita ou pintura ou discurso. A distinção entre natureza (viva ou inanimada) e cultura é fundamental, por

58. Na p. 25, a “teoria vigorosa” do jovem Lecoq é contraposta à “prática vetusta” do velho detetive Gévrol, “campeão da polícia positivista” (p. 20), que se detém diante daquilo que pode ver e, portanto, se arrisca a não ver nada.

59. Sobre o duradouro apoio popular à frenologia na Inglaterra (quando a ciência oficial a desprezava) ver Giustino 1975).

60. “Minha pesquisa chega à conclusão... que a anatomia da sociedade civil deve ser pensada em termos de Economia Política” (Marx, Prefácio 1859 de *Para a crítica da Economia Política*).

certo muito mais importante do que as distinções, um tanto mais superficiais e mutantes, entre as diferentes disciplinas. A idéia de Morelli era desentranhar do interior de um sistema sógnico culturalmente determinado as convenções da pintura, signos que, como os sintomas (e como a maioria das pistas), eram produzidos involuntariamente. Não apenas isso: nesses signos involuntários, nos “detalhes mínimos – um calígrafo os chamaria floreios” tais como as “frases e palavras favoritas” dos quais “a maioria das pessoas lança mão, falando ou escrevendo, mesmo sem querer ou sem se dar conta de que o está fazendo” –, Morelli situou a mais segura pista para a identidade artística (Morelli 1897:71)⁶¹. Neste caso, Morelli foi herdeiro (mesmo se indireto)⁶² e desenvolveu os princípios metodológicos formulados muito antes por seu predecessor, Giulio Mancini. O momento no qual esses princípios finalmente foram dados à fruição talvez não tenha sido de todo casual. Coincidiu com o surgimento de uma tendência cada vez mais clara do poder estatal de impor sobre a sociedade um controle estrito e, novamente, o método que foi usado implicava atribuição de identidade através de características que eram triviais e além do controle consciente.

3. Toda sociedade necessita distinguir seus membros e os modos de satisfazer essa necessidade varia com o tempo e o lugar (Lévi-Strauss, Claude et al. 1977). Há antes de tudo, o nome; mas, quanto mais complexa a sociedade, menos um nome pode representar satisfatoriamente a identidade do indivíduo sem maiores confusões. No Egito, por exemplo, durante o período greco-romano, um homem que fosse a um tabelião desejando se casar ou realizar alguma transação comercial, era obrigado não apenas a declinar seu nome mas também descrever brevemente detalhes de sua aparência, incluindo qualquer cicatriz ou marcas particulares (Caldara 1924). Mas, mesmo assim, as probabilidades de engano ou impostura fraudulenta eram elevadas. Comparativamente, a assinatura ao final de um contrato foi um avanço: ao final do século XVIII, o abade Lanzi escrevia, em uma passagem de sua obra *Storia pittorica (História da Pintura)*, dedicada à discussão dos métodos de perícia, que a impossibilidade de se imitar a escrita à mão fora engendrada pela natureza para

61. Zerner (1978) argumenta, com base nesta passagem, que Morelli fez distinções em três níveis: (a) características gerais da escola de pintura, (b) detalhes característicos do pintor específico, denunciados em mãos, orelhas etc., e (c) maneirismos introduzidos de forma não intencional. De fato, (b) e (c) podem se combinar, tal como apontado por Morelli a respeito do “polegar desproporcional das mãos humanas” que se encontra nas pinturas de Tiziano, uma “distorsão” que um copista teria evitado (1897:174).

62. Algumas reverberações dos textos de Mancini aqui apresentados devem ter alcançado Morelli através de Baldinucci (1681:7-8) e da história da arte italiana de Lanzi (Lanzi 1968). Tanto quanto eu saiba, Morelli nunca se referiu ao *Considerazioni* de Mancini.

a “segurança” da “sociedade civil” (ou seja, da sociedade burguesa. Lanzzi 1968, I:15). Na verdade, mesmo assinaturas podem ser falsificadas e, acima de tudo, não representam garantia no caso de iletrados. Apesar dessas falhas, as sociedades européias, durante séculos, não sentiram necessidade de outros meios de identificação mais práticos ou confiáveis – nem mesmo quando o desenvolvimento industrial em larga escala, a conseqüente mobilidade social e geográfica e o rápido crescimento de grandes concentrações urbanas alteraram completamente os fundamentos do problema. Nesse tipo de sociedade, era brincadeira de criança voltar sobre os próprios passos e reaparecer com nova identidade – e não apenas em Londres ou Paris. Foi somente nas últimas décadas do século XIX que novos sistemas de identificação – competindo entre si – começaram a aparecer. Este fato acompanhou os desenvolvimentos contemporâneos da luta de classes: o estabelecimento de uma associação internacional de trabalhadores, a repressão da oposição à classe operária após a Comuna de Paris e o padrão cambiante do crime.

Na Inglaterra a partir de 1720 (Thompson 1975), e no resto da Europa (com o código napoleônico) um século ou mais após, o surgimento das relações capitalistas de produção levou a uma transformação da lei, enquadrando-a nos conceitos de propriedade da nova burguesia e introduzindo um maior número de ofensas puníveis, bem como punições mais severas. A luta de classes foi sendo gradativamente incluída no âmbito da criminalidade, ao mesmo tempo que surgia um novo sistema penitenciário, baseado em sentenças de prisão mais extensas (Foucault 1977a). Sem embargo, a prisão produz criminosos. Na França, o número de reincidentes passou a crescer estavelmente após 1870 e, em torno do final do século, representava cerca de metade de todos os casos levados a tribunal (Perrot 1975, em esp. p. 68). O problema de identificar velhos meliantes, que ficou mais crítico por essa época, foi a cabeça-de-ponte de um projeto mais ou menos consciente de manter a sociedade como um todo sob um controle geral e completo.

Para a identificação de velhos meliantes era necessário demonstrar (1) que a pessoa tinha sido anteriormente condenada e (2) que a pessoa em questão era a mesma que havia sido anteriormente condenada (Bertillon 1883; Locard 1909)⁶³. O primeiro problema foi resolvido com a organização de arquivos policiais; o segundo, no entanto, era mais difícil. As antigas punições que previam marcar ou mutilar para toda a vida um malfeitor tinham sido abolidas. Em *Os Três Mosqueteiros*, de Dumas, a

63. Em 1885, a Lei Waldeck-Rousseau estabeleceu a prisão para meliantes renitentes com longa folha corrida e a expulsão para aqueles considerados irrecuperáveis. Ver Perrot 1975:68.

flor de lis marcada no ombro de *Milady* permitiu a D'Artagnan reconhecê-la como uma criminosa já punida, no passado, por seus delitos, enquanto que em *O Conde de Montecristo*, do mesmo autor, e em *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, os prisioneiros foragidos Edmond Dantes e Jean Valjean puderam reaparecer na cena social amparados por falsas identidades. Estes exemplos poderiam exprimir a influência que criminosos contumazes tiveram sobre a imaginação do século XIX⁶⁴. A burguesia exigia algum signo de identificação que pudesse ser tão indelével quanto aqueles impostos sob o *ancient regime*, embora menos sangrentos ou humilhantes.

A idéia de um imenso arquivo fotográfico foi, em princípio, abandonada devido às tremendas dificuldades de classificação que apresentava: como poderia um elemento em particular ser isolado na série contínua de imagens (ver Bertillon 1883:10)? O caminho da quantificação parecia mais fácil e mais rigoroso. A partir de 1879, um funcionário da prefeitura de Paris, Alphonse Bertillon, desenvolveu um método antropométrico – que ele descreveu em vários artigos (sobre Bertillon ver Lacassagne 1914; Locard 1914) – baseado na mensuração cuidadosa de detalhes físicos, que eram, então, combinados na ficha de cada pessoa. Naturalmente, do ponto de vista teórico, poderiam ocorrer falhas de justiça devido a equívocos de poucos milímetros; mas, havia um defeito ainda mais sério no sistema antropométrico de Bertillon: o fato de que este era puramente negativo. Permitia a eliminação daqueles cujos detalhes, após o exame, não se adequavam, mas não podia provar que dois conjuntos de detalhes idênticos se referiam a uma mesma pessoa (Bertillon 1883:11). A qualidade de natureza ardilosa da identidade não pode ser excluída: afugentada porta afora pela quantificação, ela retorna através da janela. Assim, Bertillon propôs combinar o método antropométrico com aquilo que ele chamou “retrato-falado”, isto é, a descrição verbal, analisando elementos distintos (nariz, olhos, orelhas e assim por diante), que, reunidos, supostamente reconstituem a imagem completa da pessoa e, portanto, permitem a identificação. As páginas de orelhas apresentadas por Bertillon⁶⁵ lembram de modo inevitável as ilus-

64. A marca a ferro foi abolida na França em 1832. *O Conde de Montecristo* data de 1844, assim como *Os Três Mosqueteiros* (ambos de Alexandre Dumas); *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, é de 1869. A lista de condenados na literatura desse período poderia ser ampliada tanto pela França (Vautrin e outros), quanto pelos romances ingleses, Dickens em especial.

65. Bertillon 1893b:xlvi: “Mas, a circunstância em que uma orelha se presta mais do que nunca a propósitos de identificação se dá naqueles casos nos quais a Corte exige uma confirmação de que uma determinada fotografia antiga ‘representa, sem qualquer sombra de dúvida, a pessoa aqui diante de nós’... não há duas orelhas idênticas e... se as orelhas se cor-

trações que acompanham os escritos do contemporâneo Morelli. Pode não ter havido uma conexão direta, mas, ainda assim, é surpreendente como Bertillon, também um perito em manuscritura, tomou como indícios seguros de falsificação pormenores idiossincráticos que um falsário não poderia reproduzir, substituindo-os às vezes, por seus próprios (Lo-card 1914:27)⁶⁶.

É evidente que o método de Bertillon resultava incrivelmente complicado. Já destacamos as dificuldades impostas pela mensuração. O retrato-falado tornou as coisas ainda piores. Qual seria a diferença entre um nariz protuberantemente curvo e um nariz de curvatura protuberante? Como se pode classificar o tom exato de olhos azul-esverdeados?

Um método de investigação que tornou tanto a coleta quanto a classificação de dados muito mais fácil foi desenvolvido por Galton, em 1888, em um estudo que foi posteriormente revisado e ampliado (Galton 1892, que arrola publicações anteriores acerca da matéria). Este, obviamente, baseou-se nas impressões digitais. Como o próprio Galton admite corretamente, ele não foi o primeiro a sugerir isso.

A análise científica das impressões digitais começou em 1823 com um trabalho de Purkyně, fundador da histologia, denominado *Commentatio de examine physiologico organi visus et systematis cutanei* (Comentário sobre o Exame Fisiológico dos Órgãos da Visão e do Sistema Cutâneo) (Purkyně 1948:29-56). Ele distingue e descreve nove tipos básicos de linhas na pele, mas argumenta que nunca dois indivíduos poderiam apresentar idênticas combinações em suas impressões digitais. As implicações práticas disso foram ignoradas, o mesmo não ocorrendo, no entanto, com as implicações filosóficas, que foram destacadas em um capítulo intitulado "*De cognitione organismi individualis in genere*" ("Do Reconhecimento Geral dos Organismos Individuais") (*ibid*:30-32). O conhecimento do indivíduo era fundamental para a medicina, dizia ele, a começar pelo diagnóstico: os sintomas assumem diferentes formas nos diferentes indivíduos e, do mesmo modo, exigem diferentes tratamentos para sua cura. Alguns escritores modernos, continua ele, sem declinar nomes,

respondem, isso é prova mais do que necessária e suficiente de que as identidades também correspondem 'exceto no caso de irmãos gêmeos'. Ver também Bertillon 1893a (que acompanha o outro trabalho), lâmina 60b. Acerca da admiração de Bertillon por Sherlock Holmes ver Lacassin 1974, I:93 (que, inclusive, menciona o trecho sobre as orelhas aqui acima exposto em n. 8).

66. Devido a sua habilidade enquanto perito em manuscritos, Bertillon foi chamado durante o caso Dreyfus para se pronunciar sobre a autenticidade do famoso memorando. Pelo fato de que seu veredito favoreceu definitivamente o caso contra Dreyfus, sua carreira (assim insistem os biógrafos) sofreu um revés (Lacassagne 1914:4).

definiram a medicina prática como “a arte da individualização” (*die Kunst des Individualisierens*) (*ibid.*:31). Era, porém, a fisiologia do indivíduo o que realmente interessava a esta arte. Aqui, Purkyně, que em sua juventude havia estudado filosofia em Praga, faz eco aos mais fundamentais temas do pensamento de Leibniz. O indivíduo, “o ser em todos os modos determinado” (*ens omnimodo determinatum*), possui uma identidade que pode ser reconhecida em todas as suas características, mesmo as mais imperceptíveis ou sutis. Nenhuma circunstância ou qualquer influência externa basta para explicá-la. É preciso supor que haja uma norma ou “tipologia” interna que mantém a variedade de cada espécie dentro de seus próprios limites: o conhecimento dessa norma (como Purkyně profeticamente afirmou) “revelaria o entendimento oculto da natureza individual” (*ibid.*:31-32). O equívoco da fisiognomonia foi sujeitar a variação individual a preconceitos e a apressadas conjecturas: isso, desde então, tornou impossível o estabelecimento de um estudo descritivo científico do rosto humano. Abandonando o estudo das palmas das mãos à “inútil ciência” da quiromancia, Purkyně concentrou sua atenção em algo muito menos óbvio: foram as linhas do polegar e das pontas dos dedos que lhe forneceria a prova oculta da individualidade.

Vamos deixar por um momento a Europa e nos voltar para a Ásia. Do mesmo modo que seus colegas europeus, e de maneira totalmente independente, adivinhos chineses e japoneses demonstraram interesse por essas linhas quase imperceptíveis que riscam a pele da mão. Em Bengala, assim como na China, havia o costume de imprimir cartas e documentos com a marca da ponta do dedo imersa em tinta ou alcatrão (Galton 1892:24ss.): isso era, provavelmente, uma consequência do conhecimento derivado da prática divinatória. Qualquer que estivesse habituado a decifrar misteriosas mensagens em veios de pedras ou madeiras, em rastros deixados por pássaros, ou em desenhos de cascos de tartarugas (Vandermeersch 1974:29ss.; Gernet 1974:52ss.), acharia fácil revelar uma espécie de mensagem na marca impressa por um dedo sujo. Em 1860, Sir William Herschel, comissário distrital de Hoogly, em Bengala, apropriou-se desse hábito, comum entre os habitantes do local, vendo aí uma utilidade e pensando em tirar proveito disso para incrementar o funcionamento da administração britânica. (Os aspectos teóricos da matéria não tinham importância; ele jamais ouviria falar do discurso latino de Purkyně, que permaneceu inédito até meados do século.) Mas, realmente, como observara Galton, havia uma grande necessidade de tais meios de identificação: na Índia, como em outras colônias britânicas, os nativos eram analfabetos, irascíveis, astutos, ardilosos e, aos olhos dos europeus, todos pareciam iguais. Em 1880, Herschel anunciou em *Nature* que, após dezessete anos de testes, o exame das impressões digitais havia

sido oficialmente introduzido no distrito de Hoogly, e, desde então, havia sido empregado por três anos com os melhores resultados possíveis (Galton 1892:27-28)⁶⁷. Os administradores imperiais se apropriaram do conhecimento conjectural dos bengaleses e o empregaram contra eles.

O artigo de Herschel serviu a Galton como ponto de partida para uma reorganização sistemática de seu pensamento acerca do conjunto da matéria. Sua pesquisa tornou-se possível devido à convergência de três elementos distintos: as descobertas de um autêntico cientista, Purkyné; o conhecimento concreto, aliado à prática cotidiana, da população de Bengala, e a argúcia política e administrativa de *Sir* William Herschel, fiel servidor de Sua Majestade britânica. Galton reconheceu o primeiro e o terceiro desses elementos. Ele, inclusive, chegou a tentar, sem sucesso, estabelecer características raciais para as impressões digitais. Mesmo assim, procurou prosseguir com sua pesquisa junto a algumas tribos indianas, esperando encontrar entre elas “um padrão mais próximo do macaco” (*ibid.*:17-18).

Galton não apenas ofereceu uma contribuição decisiva para a análise das impressões digitais como também, como já apontamos anteriormente, reconheceu suas implicações práticas. Em um curto espaço de tempo, o novo método foi introduzido na Inglaterra e, desde então, gradativamente, no resto do mundo (um dos últimos países a adotá-lo foi a França). Desse modo, todo ser humano – como Galton pretenciosamente observou, tomando para si o louvor conferido a seu rival, Bertillon, por um colega francês do Ministério do Interior – adquiriu uma identidade, constituiu-se de vez e para sempre, e acima de qualquer dúvida, em indivíduo (*ibid.*:169; ver também Foucault 1977b:158).

Dessa maneira, aquilo que para os administradores britânicos parecia ser uma indistinguível massa de rostos bengalenses (ou “fuças”, recordando as palavras desdenhosas de Filarete) passou a ser, agora, uma série de indivíduos, cada qual marcado por uma especificidade biológica. Esta extraordinária ampliação da noção de individualidade ocorreu devido ao relacionamento entre o Estado e suas forças policiais e administrativas. Até o último habitante do mais remoto vilarejo da Europa ou da Ásia passa a ser, graças às impressões digitais, passível de identificação e controle.

4. O mesmo paradigma conjectural, neste caso utilizado para desenvolver formas de controle ainda mais sofisticadas sobre o indivíduo em sociedade, contém, por sua vez, o potencial para melhor se compreender

67. Ver agradecimentos a p. 4. Nas pp. 26-27 ele também se refere a um precedente que nunca chegou a ser posto em prática: um fotógrafo de São Francisco que se dispôs a facilitar a identificação de membros da comunidade chinesa por meio de impressão digital.

a sociedade. Em uma estrutura social de complexidade crescente como é o capitalismo avançado, envolto em trevas ideológicas, qualquer apelo ao conhecimento sistemático se aparenta a um vôo de tresloucada imaginação. Reconhecer isto não é abandonar a idéia de totalidade. Ao contrário, a existência de uma conexão profunda que explica os fenômenos superficiais pode ser confirmada sempre que se reconhece que o conhecimento direto de tal conexão é tarefa impossível. A realidade é opaca, mas há certos pontos – pistas, sintomas – que nos permitem decifrá-la.

Esta idéia, que se acha no cerne do paradigma conjectural ou semiótico, encontrou para si um lugar no amplo espectro dos contextos intelectuais, afetando mais profundamente as ciências humanas. Características minúsculas têm sido usadas para reconstituir mudanças e transformações culturais (em linha de progressão direta de Morelli, pagando um débito devido a Allaci por Mancini, quase três séculos antes). Os trajes esvoaçantes das pinturas florentinas no século XV, as inovações lingüísticas de Rabelais, a cura dos males reais pelos monarcas ingleses e franceses (para mencionar poucos de muitos exemplos possíveis), cada um desses fatos tem sido tomado como uma pequena mas significativa chave para fenômenos muito mais gerais: a perspectiva de uma classe social, ou de um escritor, ou de uma sociedade inteira⁶⁸. A psicanálise, como já vimos, está baseada na hipótese de que pormenores aparentemente desprezíveis podem revelar fenômenos profundos e significativos. Lado a lado com o declínio da abordagem sistemática, a abordagem aforística ganhou força – de Nietzsche a Adorno. Mesmo o termo aforístico é revelador. (Ele é uma indicação, um sintoma, uma pista: não há escapatória de nosso paradigma). *Aforismos* era o título de um famoso trabalho de Hipócrates. No século XVII, começaram a surgir as coleções de “Aforismos Políticos”⁶⁹. A literatura aforística é, por definição, uma tentativa de formular opiniões acerca do homem e da sociedade com base nos sintomas, nas pistas: de uma humanidade e uma sociedade que estão enfermas, em crise. E mesmo crise é um termo médico, datando de Hipócrates⁷⁰. Também em literatura, pode-se demonstrar que o maior

68. A referência aqui é a Traube 1965 – essa questão foi abordada por Campana (1967:1028); Warburg (1932) acerca do ressurgimento do antigo paganismo (o primeiro ensaio data de 1893); Spitzer 1910; Bloch 1973 (primeira publicação em 1924). Os exemplos poderiam multiplicar-se: ver Agamben 1975:15 (Warburg e Spitzer são citados e Traube mencionado na p. 10).

69. À parte *Aforismos Políticos*, de Campanella, que apareceu originalmente em latim como parte de *Realis Philosophia (De politica in aphorismos digesta)*, ver Canini 1625 (ver Bozza 1949:141-143, 151-152). Ver também o verbete “Aforismo” no *Dictionnaire Littré*.

70. Mesmo que originalmente tenha sido utilizado com referência a leis: para uma breve história do termo ver Koselleck 1969.

romance de nossos tempos – *À la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust – é um exemplo rigoroso de aplicação desse paradigma conjectural⁷¹.

5. Será o rigor compatível com o paradigma conjectural? A direção quantitativa e anti-antropocêntrica tomada pelas ciências naturais desde Galileu impôs um embaraçoso dilema às ciências humanas. Deveriam estas alcançar resultados significativos a partir de uma posição cientificamente frágil ou colocar-se em uma posição científica forte, embora obtendo escassos resultados? Apenas a lingüística conseguiu (ao longo deste século) escapar deste dilema e, assim, se oferecer como modelo a outras disciplinas, que, em menor ou maior grau, acabaram por segui-la.

Contudo, uma dúvida permanece: não seria esse tipo de rigor, talvez, tanto inalcançável quanto indesejável, devido à forma assumida pelo conhecimento mais estreitamente amarrado à experiência do dia-a-dia ou, para ser mais preciso, para todo e qualquer contexto no qual o caráter único e insubstituível de seus componentes parece decisivo para aqueles envolvidos? Foi dito, certa vez, que apaixonar-se significava superestimar os pequenos detalhes pelos quais a mulher ou o homem diferiam dos outros. Isto poderia, obviamente, ser estendido às obras de arte ou aos cavalos⁷². Em tais contextos, o rigor elástico (para empregar uma frase contraditória) do paradigma conjectural parece impossível de ser eliminado. Trata-se de tipos de conhecimento que tendem a ser inexprimíveis, cujas regras, como já dissemos, não se prestam de maneira fácil a ser formalmente articuladas ou mesmo enunciadas. Ninguém aprende a ser um perito ou a fazer diagnósticos apenas aplicando as regras. Com este tipo de conhecimento, há fatores em jogo que não podem ser mensurados – um cheiro, um olhar, uma intuição. Até o presente, evitamos cuidadosamente esse termo capcioso: intuição. Mas, se ele for usado como uma alternativa para descrever esse momento de trespasse instantâneo do processo de pensamento, então temos que estabelecer uma distinção entre *baixa* e *alta* intuição.

A antiga fisiognomonia árabe se baseava na *firasa*: uma noção complexa que, falando de modo geral, significava a capacidade de saltar do conhecido para o desconhecido por meio da inferência (fundada em pis-

71. Esta questão será mais desenvolvida na versão final deste artigo.

72. Compare *Souvenirs d'égotisme*, de Stendhal (1948:51-52): "Victor (Jacquemont) surpreendeu-me como sendo um homem extraordinário: admirável como perito... vislumbrou um belo garanhão em um potro de quatro meses de idade que ainda mal se sustentava sobre as patas" (Stendhal se desculpa por empregar o termo francês *connoisseur* no sentido que essa palavra adquiriu em inglês. Ver o comentário de Zerner (1978:215, n.4) sobre a ausência na língua francesa, ainda hoje, de um equivalente ao inglês *connoisseurship*).

tas)⁷³. O termo foi tomado por empréstimo do vocabulário da filosofia sufista; passou a ser usado tanto para a intuição mística quanto para o tipo de aguda perspicácia atribuída aos filhos do rei de Serendippo⁷⁴. Nesta segunda acepção, *firasa* não é, nem mais nem menos, que o instrumento do conhecimento conjectural⁷⁵.

Esta “baixa intuição” tem suas raízes nos sentidos (embora os extrapole) e, como tal, não tem nada a ver com a intuição extra-sensorial dos vários irracionalismos dos séculos XIX e XX. Existe em qualquer parte do mundo, sem exceção geográfica, histórica, étnica, de gênero ou de classe; e isso significa que é diferente de qualquer forma de conhecimento “superior” restrito a uma elite. Foi a herança dos bengaleses, apropriada por *Sir* William Herschel, dos caçadores, dos marinheiros, das mulheres. Constitui um estreito vínculo entre o animal humano e as outras espécies animais.

73. Ver o rico e penetrante livro de Mourad (1939:1-2).

74. Ver a extraordinária aventura atribuída a Al-Shafi'i (no século IX DC do calendário cristão) em Mourad 1939:60-61, que se assemelha a um conto de Borges. O elo entre *firasa* e os feitos dos filhos do rei Serendippo é abordado, com propriedade, por Messac (1929).

75. Mourad (1939:29) classifica os ramos da fisiognomonia do seguinte modo, segundo o tratado de Tashkopru Zadeh (1560 DC): (1) o conhecimento de marcas e verrugas, (2) a quiromancia – leitura das mãos, (3) escapulomancia – adivinhação usando os omoplatas, (4) adivinhação por meio de rastros, (5) conhecimento genealógico envolvendo o exame de membros e pele, (6) a arte de encontrar o caminho no deserto, (7) adivinhação pela água, (8) a arte de detectar metais (no sub-solo), (9) a arte de predizer chuva, (10) profecia usando eventos do passado ou do presente, (11) profecia usando os movimentos involuntários do corpo. A partir da p. 15, Mourad propõe uma comparação bastante interessante que será desenvolvida, entre o estudo árabe da fisiognomia e a pesquisa sobre as percepções da individualidade feita pelos psicólogos da Gestalt.